

# CADERNO DE SQUIBS

Temas em estudos formais da linguagem

V. 3 N. 2, 2017

# Caderno de *Squibs*:

TEMAS EM ESTUDOS FORMAIS DA LINGUAGEM

V. 3 • N. 2 • 2017

---

## ORGANIZADORES

**Marcus Vinícius da Silva Lunguinho**

Universidade de Brasília

**Cristiany Fernandes da Silva**

Universidade de Brasília

**Elisabete Luciana Morais Ferreira**

Universidade de Brasília

**Paula Guedes Baron**

Universidade de Brasília

## APOIO

**Laboratório de Estudos Formais da Gramática – LEFOG**  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL**



**Universidade de Brasília**



CONSELHO EDITORIAL

**Heloisia Maria Moreira Lima de Almeida Salles**  
Universidade de Brasília

**Rozana Reigota Naves**  
Universidade de Brasília

**Eloisa Nascimento Silva Pilati**  
Universidade de Brasília

**Helena da Silva Guerra Vicente**  
Universidade de Brasília

**Marcus Vinícius da Silva Lunguinho**  
Universidade de Brasília

**Paulo Medeiros Junior**  
Universidade de Brasília

**Paula Guedes Baron**  
Universidade de Brasília

**Elisabete Luciana Morais Ferreira**  
Universidade de Brasília

**Bruna Elisa da Costa Moreira**  
Universidade de Brasília (*egressa*)

**Cristiany Fernandes da Silva**  
Universidade de Brasília

CONSELHO CIENTÍFICO

**Aroldo Leal de Andrade**

Universidade da Integração Internacional  
da Lusofonia Afro-Brasileira

**Marina Rosa Ana Augusto**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**Indaiá de Santana Bassani**

Universidade Federal de São Paulo

**Simone Lúcia Guesser**

Universidade Federal de Roraima

**Ana Paula Quadros Gomes**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Suzi de Oliveira Lima**

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
University of Toronto

**Telma Moreira Vianna Magalhães**

Universidade Federal de Alagoas

**Rafael Dias Minussi**

Universidade Federal de São Paulo

**José Ferrari Neto**

Universidade Federal da Paraíba

**Roberta Pires de Oliveira**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Gabriel de Avila Othero**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Sandra Quarezemin**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Núbia Saraiva Ferreira Rech**

Universidade Federal de Santa Catarina

**Marcelo Amorim Sibaldo**

Universidade Federal de Pernambuco

**Claudia Roberta Tavares Silva**

Universidade Federal de Pernambuco

**André Luis Antonelli**

Universidade Estadual de Maringá

**Julio William Curvelo Barbosa**

Universidade Estadual do Paraná

**Fábio Bonfim Duarte**

Universidade Federal de Minas Gerais

**Andrew Nevins**

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
University College London

**Andrea Knöpfle**

Universidade Federal de Pernambuco

**Marcus Vinícius da Silva Lunguinho**

Universidade de Brasília

**Alessandro Boechat de Medeiros**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Bruna Elisa da Costa Moreira**

Universidade de Brasília (*egressa*)

**Jairo Morais Nunes**

Universidade de São Paulo

**Déborah de Mendonça Oliveira**

Universidade Católica de Brasília

**Lilian Coelho Pires**

Univ. do Estado de Santa Catarina

**Poliana Camargo Rabelo**

Universidade de Brasília

**Ana Paula Scher**

Universidade de São Paulo

**Maria Cristina Figueiredo Silva**

Universidade Federal do Paraná

**Keli Cristiane Eugênio Souto**

Universidade Estadual de Montes Claros

**Zenaide Dias Teixeira**  
Universidade Estadual de Goiás

**Thiago Costa Chacon**  
Universidade de Brasília

**Aveliny Lima-Gregio**  
Universidade de Brasília

**Ezekiel J. Panitz**  
Universidade de São Paulo

**Leonor Simioni**  
Universidade Federal do Pampa

**Cilene Rodrigues**  
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio de Janeiro

**Patricia de Araujo Rodrigues**  
Universidade Federal do Paraná

**Helena da Silva Guerra Vicente**  
Universidade de Brasília

**Rerisson Cavalcante de Araújo**  
Universidade Federal da Bahia

**Eloisa Nascimento Silva Pilati**  
Universidade de Brasília

**Carlos Felipe da Conceição Pinto**  
Universidade Federal da Bahia

**Lara Frutos González**

**Luciana Sanchez Mendes**  
Universidade Federal Fluminense

**Teresa Cristina Wachowicz**  
Universidade Federal do Paraná

**Marcelo Giovannetti Ferreira Luz**  
Universidade Federal de Roraima

**Virgínia Andrea Garrido Meirelles**  
Universidade de Brasília

**Esmeralda Vailati Negrão**  
Universidade de São Paulo

**Heloisa Maria M. Lima de Almeida Salles**  
Universidade de Brasília

**Maria José Gnatta Dalcuche Foltran**  
Universidade Federal do Paraná

**Roberlei Alves Bertucci**  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**Marcos Barbosa Carreira**  
Universidade Estadual de Ponta Grossa

**Eneida de Goes Leal**  
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

**Marcelo Giovannetti Ferreira Luz**

**Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes**  
Universidade Estadual de Campinas

**Luisandro Mendes de Souza**  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CAPA

André Maya Monteiro  
Vitor Teles Ferreira

ARTE DA CAPA

Cristiany Fernandes da Silva

DIAGRAMAÇÃO,  
LEITURA E PREPARAÇÃO DOS MANUSCRITOS

Cristiany Fernandes da Silva  
Elisabete Luciana Morais Ferreira  
Paula Guedes Baron

Linguística. UnB. Caderno de *Squibs*: temas em estudos formais da linguagem. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Laboratório de Estudos Formais da Gramática (LEFOG). Vol.3, N.2 (2017). Brasília, DF: Universidade de Brasília. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Semestral. 2015.  
ISSN: 2447-1372 (VERSÃO ON-LINE)  
CDD 410  
CDU 81

## NOTA INICIAL

Sobre o termo *squib* em Linguística, por Marcus Lunguinho

O termo *squib*, tal qual se conhece em Linguística, é uma criação atribuída ao linguista John Robert Ross e se refere a um gênero textual que ficou popular a partir dos anos 1960 com a revista *Linguistic Inquiry*, que teve Ross como um dos primeiros responsáveis pela seção destinada justamente à publicação desse tipo de textos, denominada *Squibs and Discussion*.<sup>1</sup>

Como um gênero textual, o *squib* apresenta características específicas tanto de forma quanto de conteúdo. No que se refere à forma, um *squib* é um texto curto, cuja extensão é medida em termos de páginas ou de número de palavras a depender do periódico. Por exemplo, na revista *Linguistic Inquiry*, o manuscrito de um *squib* não pode ultrapassar doze páginas escritas em espaço duplo.<sup>2</sup> Já na revista brasileira D.E.L.T.A. (Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), o manuscrito de um *squib* deve ter extensão máxima de 6000 palavras.<sup>3</sup>

No que se refere ao conteúdo, um *squib* é um texto que aborda questões pontuais, tanto de natureza teórica quanto empírica. Do ponto de vista teórico, um *squib* pode trazer uma reflexão crítica sobre aspectos internos de uma teoria, tais como inconsistências internas, pressupostos que não estão apresentados de maneira explícita ou que precisam ser incorporados de modo a que essa teoria possa fazer as previsões corretas e/ou desejáveis. Já do ponto de vista empírico, um *squib* pode apresentar um conjunto de dados que servem para confirmar as previsões de uma teoria ou que se configuram como problemas para essa teoria. Os problemas apontados no *squib* podem ou não ser resolvidos. Além dessas questões teóricas e empíricas, um *squib* também pode servir para trazer à luz para a comunidade científica uma literatura pouco conhecida ou esquecida, em que questões importantes ou dados relevantes são discutidos. Em resumo, a função de um *squib* é fomentar a pesquisa ou apresentar observações teóricas que são de interesse para a pesquisa.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Segundo o que se apresenta em: <https://www.ucl.ac.uk/pals/research/linguistics/li-squibs>. Nessa página, o leitor pode ainda ter acesso a um depoimento do próprio Ross acerca da etimologia da palavra *squib*.

<sup>2</sup> De acordo com as orientações que se encontram em: <http://www.mitpressjournals.org/page/sub/ling>.

<sup>3</sup> Conforme se lê nas orientações constantes em: <http://www.scielo.br/revistas/delta/iinstruc.htm>.

<sup>4</sup> As informações deste parágrafo são, em grande parte, baseadas em: <http://www.ledonline.it/snippets/>.

## APRESENTAÇÃO

O **Caderno de *Squibs*: Temas em Estudos Formais da Linguagem**, sob a coordenação do Laboratório de Estudos Formais da Gramática da Universidade de Brasília (LEFOG/UnB), tem o prazer de publicar mais um volume. O objetivo da publicação é promover trabalhos que abordem questões concernentes às línguas e à linguagem, especificamente na área de Linguística Formal. Neste novo número, apresentamos ao público quatro *squibs*.

O primeiro *squib*, intitulado “Identidade sintática em elipse de VP selecionado por auxiliares aspectuais”, de Francisco Iokleyton de Araujo Matos (UNICAMP), trata de uma instância de elipse de VP no português brasileiro (PB) no qual a elisão é licenciada por verbos auxiliares aspectuais. Entendendo o paralelismo sintático como uma condição para elipse de  $vP$ , o autor propõe uma derivação que soluciona uma aparente incompatibilidade sintática entre antecedente e elipse nesse tipo de construção.

No segundo *squib*, “O estatuto de definitude como traço- $\phi$ ”, Danniell da Silva Carvalho (UFBA) promove uma discussão sobre a categoria definitude, defendendo a hipótese de que essa categoria deve ser entendida como pertencente ao conjunto dos traços- $\phi$ . O autor argumenta a partir de trabalhos como Lyons (1999), Kibort (2010) e Zwicky (1986), procurando demonstrar que o traço de definitude pode ser realizado morfológica e sintaticamente de diferentes maneiras interlinguisticamente.

O terceiro *squib*, “O auxiliar de futuro na sintaxe temporal: por uma projeção que lexicalize verbos no presente”, de Paulo Ângelo de Araújo Adriano (UNICAMP), explora o papel do auxiliar de futuro do tempo presente em perífrases, considerando a sintaxe temporal do PB. O autor, com base em Giorgi e Pianesi (1997), propõe a extensão de IP em  $AGR_1$  e  $AGR_2$  e  $TP_1$  e  $TP_2$ . Em seu trabalho, verificou que o auxiliar de futuro deve ser lexicalizado, por formar a estrutura base da noção temporal que, somada ao infinitivo, denotará futuro.

O quarto *squib*, intitulado “*Copula drop* em Karitiana (Tupi): uma instância de *sluicing*”, de Tarcisio Dias (USP), trata acerca da possibilidade de omissão do verbo copular na língua Karitiana (Tupi). O autor propõe que o fenômeno *copula drop* seja uma instância de *sluicing*, ou seja, um tipo de elipse em que a parte sentencial do CP (TP) é apagada quando C é concatenado.

Registramos, por fim, nossos agradecimentos aos autores, aos pareceristas, aos colaboradores do Serviço de Gerenciamento de Informação Digital (GID) da Biblioteca Central (BCE) e àqueles que, de algum modo, estiveram envolvidos no processo de preparação desse periódico. A contribuição de todos é o que torna o trabalho relevante e eleva o patamar do fazer linguístico.

Uma ótima leitura!  
Conselho Editorial

## SUMÁRIO

Identidade sintática em elipse de VP selecionado por auxiliares aspectuais · 1  
FRANCISCO IOKLEYTON DE ARAUJO MATOS

O estatuto de definitude como traço- $\phi$  · 11  
DANNIEL DA SILVA CARVALHO

O auxiliar de futuro na sintaxe temporal: por uma projeção que lexicalize verbos  
no presente · 25  
PAULO ÂNGELO DE ARAÚJO ADRIANO

*Copula drop* em Karitiana (Tupi): uma instância de *sluicing* · 38  
TARCISIO DIAS

# Identidade sintática em elipse de VP selecionado por auxiliares aspectuais

Francisco Iokleyton de Araujo Matos\*

## Resumo

Elipse é um fenômeno muito comum nas línguas naturais e corresponde ao processo por meio do qual a relação entre forma e significado é quebrada, isto é, ocorre interpretação mesmo na ausência de elementos explícitos. Quando o constituinte afetado na construção elíptica é o *vP*, isto é, a fase interna da estrutura da sentença, ocorre o que a literatura vem denominando como elipse de VP (ou simplesmente VPE). Neste *squib*, problematizamos um caso de VPE no português brasileiro, em que a elisão é licenciada por verbos auxiliares aspectuais. A nossa hipótese é a de que identidade sintática pode ser devidamente computada para fins de licenciamento da elipse se, em algum ponto da derivação sintática, a marca de gerúndio e a preposição requerida por um auxiliar aspectual são sintaticamente equivalentes. Abordamos esse caso de elipse à luz do entendimento de que paralelismo sintático é uma condição que regula o licenciamento de elipses de *vP*, e esboçamos uma solução derivacional para uma aparente incompatibilidade sintática entre antecedente e elipse.

**Palavras-chave:** elipse de VP, identidade sintática, preposição, gerúndio

## Abstract

Ellipsis is a very common phenomenon in natural languages and it corresponds to a process whereby the relation between form and meaning is broken, which means that there is interpretation even in the absence of explicit elements. When the targeted constituent in the elliptical construction is the *vP* (the clause-internal phase), we have what the linguistic literature calls VP ellipsis (or simply VPE). In this *squib*, we problematize a case of VPE in Brazilian Portuguese, in which the elision is licensed by aspectual auxiliary verbs. Our hypothesis is that syntactic identity can be appropriately computed for purposes of ellipsis licensing if, in some point of the syntactic derivation, the gerund morpheme and the preposition required by an aspectual auxiliary verb are syntactically equivalent. We approach this case of ellipsis in the light of the understanding that syntactic parallelism is a condition that regulates the licensing of *vP* ellipses, and we outline a possible account for an apparent syntactic incompatibility between antecedent and ellipsis site.

**Keywords:** VP ellipsis, syntactic identity, preposition, gerund

---

\* Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Vinculado, como aluno de doutorado, ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, *e-mail*: iokleyton@icloud.com. Este trabalho se relaciona ortogonalmente com o tema da minha pesquisa de doutorado (Elipses), fomentada pelo CNPq, a quem agradeço.

## 1 Introdução

Tem sido observado, há algum tempo, que uma das condições que regula a distribuição de elipses nas línguas naturais é a relação de identidade sintática que deve haver entre o que se chama de sítio (ou local) de elisão e o antecedente de uma elipse, como se vê no exemplo em (1), um caso de elipse de VP (VPE)<sup>1</sup>.

(1) \*O João estudou e a Maria também estava \_\_\_\_\_ [<sub>VP</sub> ~~estudando~~].

Essa condição de identidade parece estar presente em qualquer tipo de estrutura elíptica (VPE, *sluicing*, fragmentos de resposta, *gapping*, *stripping*, *pseudogapping*), e soluções para manter inviolado esse requisito têm sido apresentadas ao longo de uma considerável literatura em linguística que trata do fenômeno de elipse (cf. ROSS, 1969; FIENGO; MAY, 1994; MERCHANT, 2001, 2013; JOHNSON, 2001; entre outros).

Casos de VPE no português brasileiro como aqueles em (2) e (3) a seguir representam, no entanto, um problema que claramente diz respeito à condição de identidade sintática das estruturas.<sup>2</sup>

(2) A Maria terminou de fazer a prova, mas o João continua \_\_\_\_\_ [<sub>VP</sub> ~~fazendo a prova~~].

(3) O João continua fazendo a prova, mas a Maria terminou \_\_\_\_\_ [<sub>VP</sub> ~~de fazer a prova~~].

Observe-se, ainda, que o equivalente, em português europeu, para (2) seria (4), em que o gerúndio dá lugar a um infinitivo preposicionado, e a estrutura pode ser elidida:

(4) A Maria terminou de fazer a prova, mas o João continua \_\_\_\_\_ [<sub>VP</sub> ~~a fazer a prova~~].

---

<sup>1</sup> A rasura na estrutura indica sua elisão.

<sup>2</sup> Um parecerista anônimo indagou se os casos de elipse aqui explorados não poderiam ser apropriadamente analisados como casos de elipse de DP em vez de elipse de VP. Esse parece ser um entendimento natural, considerando-se a disponibilidade de elipse de DP no português em alguns contextos (cf. Cyrino e Lopes, 2016; Nunes e Zocca, 2009), e, ainda, o comportamento ambíguo de verbos dos *continuar* e *terminar*, que, aparentemente, podem selecionar tanto um DP quanto um VP. Enquanto ainda não se tem um consenso em relação a essa questão, sustentamos que os casos aqui analisados são casos de elipse de VP. Uma possível evidência de que essa análise é a mais adequada está na previsão que ela faz de que o verbo principal, na estrutura elidida, deve ser idêntico ao verbo principal da oração antecedente, de maneira que não há como resolver a elipse se o DP objeto do verbo é idêntico ao DP antecedente, mas o verbo que o seleciona não o é, como se vê a seguir.

(i) \*O João continua fazendo a prova, mas a Maria terminou [~~de receber a prova~~].

Tais dados suscitam a seguinte questão para o analista que considera identidade sintática como uma condição, seja para o apagamento da estrutura em PF (do inglês, *Phonological Form*), seja para a sua reconstrução em LF (do inglês, *Logical Form*):

- (5) Como pode o sítio elidido em (2) apresentar o verbo na forma de gerúndio, sendo o seu antecedente um infinitivo preposicionado? Mudando-se a ordem dos fatores, a mesma pergunta vale também para (3).

Neste *squib*, seguiremos os autores supracitados ao considerarmos que a relação entre a elipse e o seu antecedente não é livre de restrições, mas deve, em alguma medida, obedecer a condições de identidade/compatibilidade sintática.

Tendo em conta essas ponderações iniciais, o presente trabalho tem por objetivo principal apresentar uma solução derivacional para a aparente incompatibilidade sintática que há entre o VP elidido e o antecedente de estruturas como as apresentadas em (2) e (3).

A análise proposta aqui terá filiação a um modelo derivacional que conjuga pressupostos da Morfologia Distribuída com instrumentos de análise de um Minimalismo não canônico. Assim, para os interesses mais imediatos deste trabalho, será relevante a noção de morfema dissociado (cf. EMBICK, 1997); e igualmente relevante será a proposta de *feature sharing* (cf. PESETSKY; TORREGO, 2007). As razões para tais assunções ficarão claras na próxima seção.

Uma vez que à estrutura sintática da qual deriva a nossa questão subjazem questões relativas às propriedades de seleção do verbo auxiliar aspectual, apresentaremos, no que segue, duas análises distintas para estruturas com esses verbos: uma análise que endossará uma incompatibilidade sintática entre elipse e antecedente, nas estruturas (2) e (3); e uma análise alternativa, que faz uso dos pressupostos teóricos mencionados acima. Tal análise alternativa nos possibilitará sustentar que há paralelismo sintático nos casos de elipse em questão.

## 2 Traços e interpretabilidade na abordagem de verbos aspectuais do português brasileiro

Em relação à dependência morfossintática de verbos auxiliares aspectuais no português, um modo de análise produtivo dentro do quadro minimalista de Chomsky (2000, 2001) tem sido aquele delineado em Lunguinho (2006), que explica os contrastes apresentados em (6), a seguir, como resultado da interação de traços no sistema computacional.

- (6) a. As crianças começaram a comer / #comendo / \*comido o bolo.  
 b. As crianças continuam a comer<sub>PE</sub> / comendo<sub>PB</sub> / \*comido o bolo.  
 c. O menino terminou de comer / #comendo / \*comido o bolo.

(dados extraídos de Lunguinho, 2006, p. 470)

De acordo com Lunguinho (2006), o que ocorre nos casos acima é um processo de checagem de traços entre o auxiliar e a forma nominal que lhe serve de complemento, de tal modo que a gramaticalidade de alguns casos em (6) se explica em termos de compatibilidade de traços de Aspecto, ao passo que a agramaticalidade se justifica pela incompatibilidade na combinação de tais traços. Nessa abordagem, verbos auxiliares aspectuais como *começar*, *terminar*, *parar*, *continuar*, entre outros, são portadores de um traço de Aspecto [imperfectivo], que não se apresenta em formas participiais, mas apenas em formas gerundivas e infinitivas. Lunguinho não se detém no fato de que há sempre uma preposição nos casos em que o aspectual seleciona um infinitivo, mas deixa claro que nesses casos o complemento do auxiliar aspectual é um sintagma preposicional cujo núcleo é a preposição *a* ou a preposição *de*. Frente a uma análise como a de Lunguinho (2006), os casos de elipse em (2) e (3) manifestam uma clara distinção em termos de marcadores frasais, na medida em que aquilo que é reconstruído ou apagado (a depender da abordagem para elipse) em (2), por exemplo, é um VP gerundivo para o qual um sintagma preposicional é antecedente; no caso em (3), o que é omitido é um sintagma preposicional, cujo antecedente é um VP gerundivo.

Embora concordemos em lidar com os fatos de dependência morfossintática como um tipo de interação de traços no sistema computacional, divergiremos de Lunguinho (2006) em um aspecto fundamental para a análise alternativa que apresentamos neste trabalho: consideraremos que apenas formas gerundivas portam um traço de Aspecto da mesma natureza exigida pelo auxiliar aspectual. Isso implica que o infinitivo não será considerado como uma forma portadora de traço de aspecto em nossa análise.<sup>3</sup>

Ainda assim, seguiremos Lunguinho (2006) na tentativa de descrever o fenômeno da seleção morfossintática de verbos auxiliares aspectuais como resultado da interação de traços no sistema computacional. Aqui, avançaremos na discussão desse autor, na medida em que conceberemos dependência morfossintática como um mecanismo que se traduz em termos da operação *Agree*, não exatamente nos termos em que Chomsky (2000, 2001) propõe essa operação, mas, por razões de ordem empírica e ao mesmo tempo conceitual, assumiremos a abordagem de *Agree* formulada em Pesetsky e Torrego (2007).

Na proposta minimalista canônica apresentada em Chomsky (2000, 2001), esse autor motiva um tipo de interação de traços necessária para o apagamento de certos traços que, embora presentes na computação, não podem ser lidos pela interface LF. Esse processo se dá mediante a aplicação de uma operação denominada *Agree*, que, sob condições para uma combinação de traços, deve ser responsável por apagar traços não interpretáveis em LF. Por

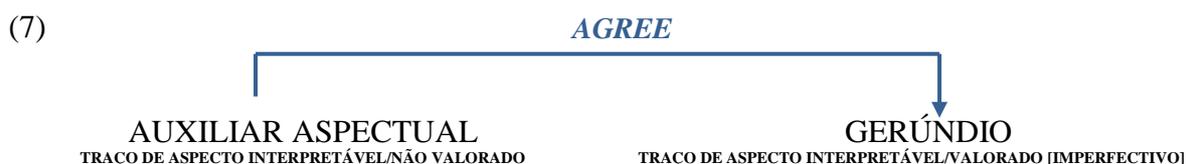
---

<sup>3</sup> Embora Câmara Jr. (1970) não operasse com a noção de *feature* como operamos hoje no âmbito do Minimalismo, a nossa ideia de não assumir infinitivo como uma forma portadora de traço de Aspecto apoia-se na descrição que esse autor apresenta para as formas nominais do verbo em português. De modo geral, a literatura que lida com o infinitivo não apresenta análises homogêneas. Encaminhamos o leitor para Lunguinho (2006), em que é possível ter uma visão mais geral de vários trabalhos representativos das diferentes abordagens para o infinitivo.

questões de espaço, não detalharemos a proposta de Chomsky (2000, 2001) para tal mecanismo, mas apenas daremos relevo ao fato de que, para esse autor, a operação de concordância, que eventualmente move itens e necessariamente apaga traços não interpretáveis em LF exige que um traço/item c-comandante, denominado sonda (*probe*), seja não interpretável e não valorado, ao passo que o traço/item que lhe possa servir como alvo (*goal*) deverá necessariamente ser interpretável e valorado.

A aplicação desse sistema de *Agree* para o fenômeno em questão esbarra imediatamente em um problema de natureza conceitual. Se, para explicar os contrastes em (6), postularmos uma instanciação de *Agree* entre auxiliar aspectual e forma nominal que lhe serve de complemento, exatamente nos termos em que propõe Chomsky, então teremos o problema de explicar como pode o verbo auxiliar apresentar uma versão não-interpretável de um traço responsável por sua própria natureza aspectual. Assim, embora a marca de gerúndio, designadamente uma marca de aspecto no português, possa ser analisada como uma versão interpretável de um traço de aspecto imperfectivo, é inviável lidar com o auxiliar aspectual como portador de um traço não interpretável de Aspecto.

Por essa razão, assumiremos aqui um modelo não canônico de *Agree*, tal como proposto em Pesetsky e Torrego (2007). Também não temos espaço aqui para discutir a proposta de *Agree* que esses autores apresentam, mas destacamos o fato de que os autores mostram argumentos convincentes em defesa de um sistema de *Agree* em que, para ser habilitado como sonda, um traço não precisa ser não interpretável<sup>4</sup>. O que basta é que ele seja não valorado, e é isso que assumiremos para o nosso sistema sonda/alvo, como representado a seguir.



Partindo da abordagem de Pesetsky e Torrego (2007), propomos que *Agree* se aplica entre o traço de aspecto da sonda, que é interpretável, mas não valorado, e o traço de aspecto do alvo, que, por sua vez, é interpretável e valorado. Como resultado dessa interação de traços na sintaxe, um único traço, o traço [imperfectivo] de aspecto, é compartilhado pelas duas posições sintáticas. Sendo as duas ocorrências desse traço interpretáveis, valoração ocorre sem que qualquer traço seja marcado para apagamento (*deletion*), diferentemente do que se ilustra

<sup>4</sup> É útil notar que Pesetsky e Torrego (2007), apesar de operarem com uma noção de *Agree* que parte da proposta de Chomsky (2000, 2001), divergem desse último autor em relação a alguns aspectos. Por exemplo, Pesetsky e Torrego (2007) rompem com a bicondição *valoração/interpretabilidade* de traços da versão de *Agree* segundo Chomsky, de acordo com a qual, um determinado traço F é não interpretável se e somente se esse traço é não valorado (CHOMSKY, 2001, p. 5). Um outro ponto de divergência está na consideração, dentro da proposta de Pesetsky e Torrego, de que um único traço, mas não apenas um feixe de traços, pode atuar como sonda. Particularmente em relação a esse aspecto da proposta, ver Pesetsky e Torrego (2007, p. 276-77).

em (8), a seguir, em que o traço de aspecto da preposição é não interpretável, e uma consequência adicional de *Agree* nesse caso é o apagamento do traço não interpretável.

O resultado empírico desse mecanismo sintático é a constatação de que tanto o verbo auxiliar quanto a marca de gerúndio são categorias sintáticas distintas que operam de modo a distinguir a estrutura interna de um evento, isto é, os intervalos de tempo de um dado evento. Na literatura linguística, é o que denominamos como aspecto gramatical imperfectivo (cf. PEREIRA, 2012 e textos ali citados).

Assim, nos casos em (2) e (3), por exemplo, entendemos que o verbo auxiliar aspectual *terminar* denota a fronteira final do evento “fazer a prova”; o auxiliar aspectual *continuar*, por sua vez, fica a cargo de denotar o desenvolvimento desse mesmo evento, de modo que, em ambos os casos, nós temos acesso, por meio do emprego conjunto do auxiliar aspectual com a forma nominal que lhe serve de complemento, a especificações relativas ao aspecto gramatical imperfectivo da sentença.

Retornando aos mecanismos sintáticos que estamos explorando neste *squib*, fica claro que precisamos de uma hipótese que nos permita lidar com *Agree* mesmo em casos em que o auxiliar aspectual tem como complemento um infinitivo, forma que estamos assumindo não ser portadora de traço de aspecto [imperfectivo]. A nossa hipótese é a de que, nesses casos, *Agree* deve ocorrer entre o auxiliar e a preposição, como representado a seguir.



O leitor atento deve notar que, no esquema acima, a preposição, diferentemente da marca de gerúndio no verbo, é portadora de um traço valorado, porém não interpretável. Isso tem a ver com uma outra hipótese que tenta explicar a natureza de preposições verificadas entre o auxiliar aspectual e o infinitivo: tais preposições não constituiriam o núcleo de um sintagma preposicionado, mas, em vez disso, teriam o estatuto de um morfema dissociado, tendo em vista que supostamente seriam inseridas por operação do componente morfológico. Conforme Embick (1997, p. 8), “um morfema será chamado dissociado quando sua posição ou seus traços morfossintáticos não figurarem na computação sintática, mas forem, em vez disso, adicionados no componente morfológico, sob condições estruturais específicas”<sup>5</sup>. Isso poderia estar associado, por exemplo, com o entendimento de que essas preposições em particular não têm interpretação em LF.

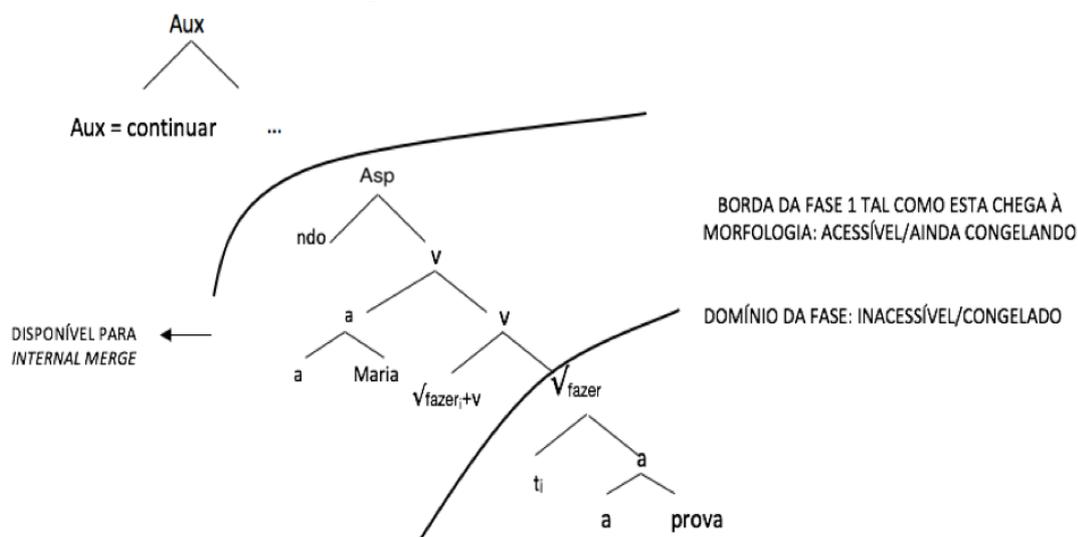
Em resumo, o que queremos propor com isso é que, quando o *output* que a sintaxe

<sup>5</sup> Tradução nossa.

entrega à morfologia não apresenta um nó terminal correspondente ao morfema de gerúndio, tal que o traço desse morfema possa interagir com o auxiliar aspectual, a morfologia se encarrega de inserir o que estamos postulando ser um morfema dissociado, capaz de interagir com o traço de aspecto do auxiliar. Para isso funcionar, podemos explorar a ideia de que esse morfema é inserido na borda de uma *fase*, portanto em um ponto que ainda está acessível para operações sintáticas, como é o caso de *Agree*. Além disso, lidaríamos, certamente, como um modelo de aplicação múltipla de *Spell-Out* (CHOMSKY, 2000, 2001).

Sendo assim, em termos do modelo de derivação em fases (cf. CHOMSKY, 2000, 2001), ilustraremos a seguir os passos disponíveis para a derivação de estruturas como *a Maria continua fazendo a prova* e *a Maria terminou de fazer a prova*. Explicaremos o que acontece em cada caso, mas, por razões de espaço e simplificação, suprimiremos alguns detalhes da derivação que não interferem imediatamente em nossa exposição.

(9) A Maria **continua fazendo** a prova.

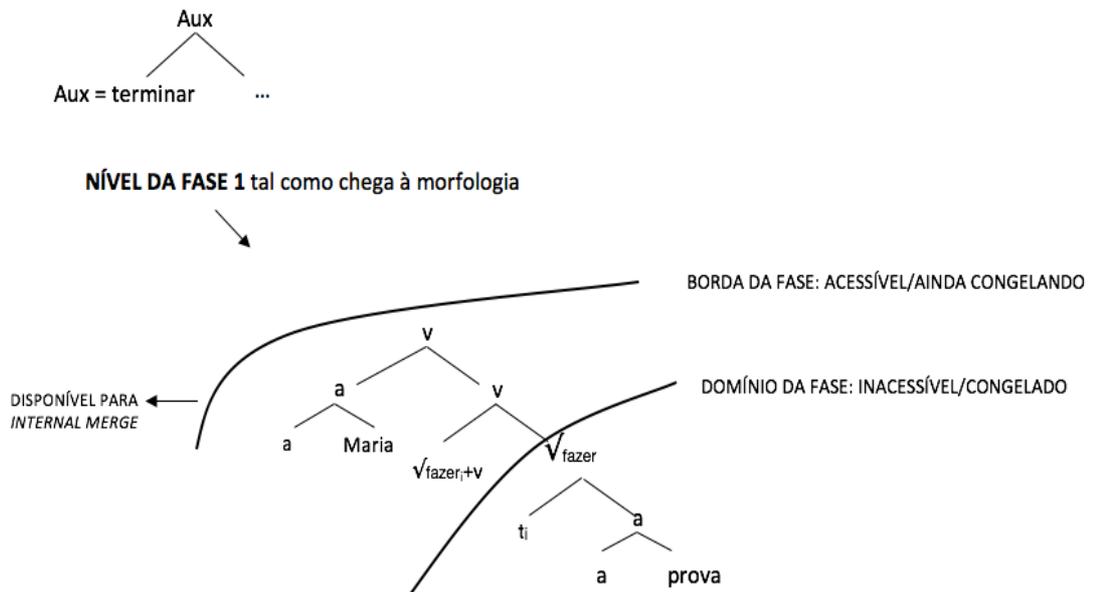


O modelo teórico que assumimos faz a previsão de que determinadas operações pós-sintáticas são executadas como forma de resolver a falta de isomorfismo entre estrutura sintática e estrutura morfológica, uma conhecida propriedade das línguas naturais. Assim, além de poder inserir um morfema dissociado — aspecto fundamental explorado em nossa análise —, a morfologia também trata de unir nós terminais que são sequenciados fonologicamente juntos, mesmo que venham separados da sintaxe. Assumiremos que uma operação de *Lowering* (cf. EMBICK; NOYER, 2001) une, na estrutura anterior, o morfema de aspecto *-ndo* à raiz verbal. Tal operação de movimento, como propõem Embick e Noyer (2001, p. 562), tem um caráter não local, isto é, não adjacente. Ou seja, a existência de núcleos terminais entre o morfema de aspecto e a raiz verbal não inibe essa operação de movimento.

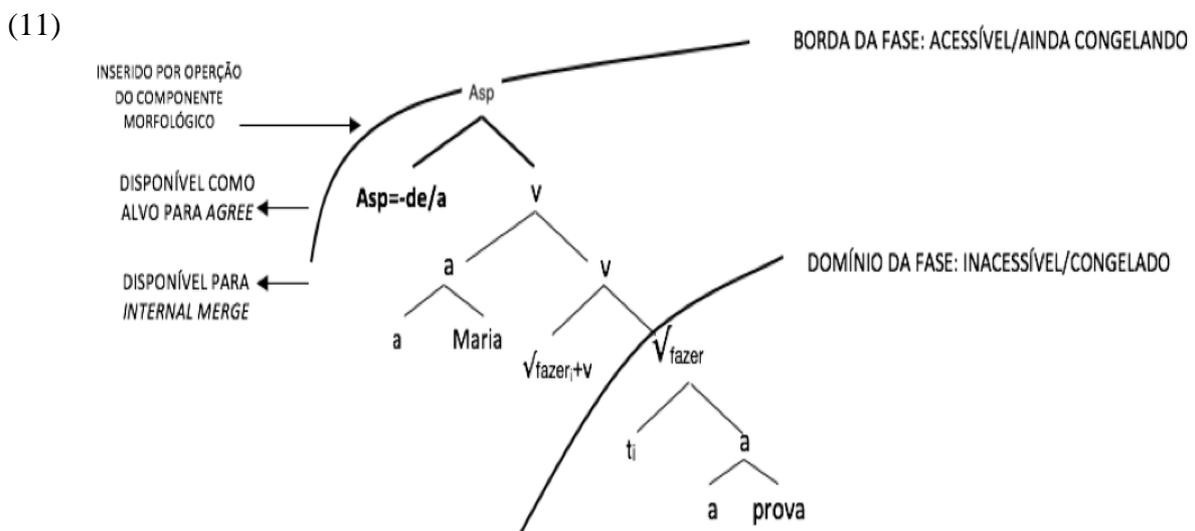
Essa análise é fundamental para o efeito do que queremos propor em relação à

identidade sintática entre sítio de elisão e antecedente, pois, sendo a estrutura anterior tal e qual aquela que a sintaxe fornece à morfologia, teremos identidade sintática entre essa estrutura e a que será esboçada a seguir, em que, em vez do auxiliar aspectual *continuar*, temos o auxiliar aspectual *terminar* selecionando um domínio não finito.

(10) A Maria **terminou de fazer** a prova.



Propomos que, enquanto a margem do *vP* é visível e acessível ao sistema computacional, a morfologia insere na estrutura em (10) um morfema dissociado, cujo Item de Vocabulário corresponderá às preposições *a* ou *de*. Sendo inserido/adjungido em tal ponto da derivação, esse traço estará disponível para uma interação com o auxiliar aspectual. A seguir, indicamos a inserção desse morfema na estrutura (em **negrito**).



### 3 O que se conclui da exposição anterior para o nosso caso de elipse

Tendo em vista o esboço de análise derivacional que elaboramos para explicar a dependência morfossintática dos verbos auxiliares aspectuais trazidos em nossos exemplos, encaminhamos uma resposta para (5), argumentando que a condição de identidade sintática pode, em alguma medida, ser mantida para explicar os casos de elipse em (2) e (3).

Se, no caso da estrutura para *a Maria continua fazendo a prova*, a elisão se dá sobre o *vP* contendo a marca de aspecto (o gerúndio), em que esta *c*-comanda a raiz verbal, então, no caso da estrutura para *a Maria terminou de fazer a prova*, em que a preposição é inserida como um morfema dissociado para interagir com o auxiliar, a elisão se dá sobre, basicamente, a mesma estrutura. Em outras palavras, se o que chamamos de preposição em tais casos não for de fato o núcleo de um sintagma preposicional, então a incompatibilidade entre sítio elidido e antecedente é minimizada, e a peça morfológica que estamos postulando ser dissociada tem a mesma funcionalidade sintática de um morfema de gerúndio, salvo algumas consequências decorrentes de sua inserção tardia.

#### Referências

- CÂMARA Jr, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes. 1970.
- CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. In: Martin, Roger, Michael, David; Uriagereka, Juan (Ed.). *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000. p. 89-155.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In Michael Kenstowicz. Ken Hale: *A life in language*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001. p. 1-52.
- CYRINO, S; LOPES, R. Null objects are ellipsis in Brazilian Portuguese. *The Linguistic Review*, v. 33, n. 4, 2016. p. 1-19.
- EMBICK, D. *Voice and the Interfaces of Syntax*. Tesis de Doctorado, Universidade de Pennsylvania. 1997.
- EMBICK, D; NOYER, R. Movement Operations after Syntax. *Linguistic Inquiry*, v. 32, n. 4, 2001. p. 555-595.
- FIENGO, R; ROBERT, M. *Indices and identity*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press. 1994.
- JOHNSON, K. What VP ellipsis can do, and what it can't, but not why. In: *The handbook of contemporary syntactic theory*, ed. Mark Baltin and Chris Collins. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. p. 439-479.
- LUNGUINHO, M. V. da S. Dependências Morfossintáticas: a relação verbo auxiliar - forma nominal. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 14, n. 2, 2006. p. 457-489.
- MERCHANT, J. *The syntax of silence: Sluicing, islands, and the theory of ellipsis*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- MERCHANT, J. Voice and Ellipsis. *Linguistic Inquiry*, v. 44, n. 1, 2013. p. 77-108.
- NUNES, J.; ZOCCA, C. Lack of morphological identity and ellipsis resolution in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J. (Org). *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*, v. 142, John Benjamins Publishing, 2009. p. 215-236.
- ROSS, J. R. Guess who? In: Proceedings of the Fifth annual meeting of the Chicago Linguistics Society, ed. Robert I. Binnick, Alice Davison, Georgia M. Green, and Jerry L. Morgan, 1969. p. 252-286.

PEREIRA, M. O. C. *Uma análise do aspecto lexical e do aspecto gramatical no contexto da alternância causativa*. 2012. Dissertação. Universidade de Brasília, 2012.

PESETSKY, D; TORREGO, E. The syntax of valuation and the interpretability of features. In: KARIMI, S.; SAMIAN, V.; WILKINS, W. (Org.). *Phrasal and clausal architecture*. Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 262-294.

*Squib* recebido em 28 de maio de 2017.

*Squib* aceito em 13 de abril de 2018.

# O estatuto de definitude como traço- $\phi$

Daniel da Silva Carvalho \*

## Resumo

Este *squib* propõe uma discussão sobre a categoria *definitude*, apontando um possível caminho para assumi-la como um traço sintático ( $\phi$ ). A partir de uma revisão da literatura que se sustenta em Lyons (1999), para a definição da categoria definitude nas línguas naturais, Kibort (2010), para a promoção da categoria a traço, e Zwicky (1986), para um mecanismo sintático que lide com um traço de definitude, o trabalho quer demonstrar que o traço de definitude pode ser realizado morfológica e sintaticamente das mais diferentes formas interlinguisticamente. Esse padrão sugere, portanto, que definitude se assemelha aos demais traços no inventário  $\phi$  (HARLEY; RITTER, 2002; CARVALHO, 2008).

**Palavras-chave:** definitude, traço- $\phi$ , sintaxe comparativa

## Abstract

This squib proposes a debate on the category definiteness, pointing out a possible way to cope with it as a syntactic features ( $\phi$ ). From a literature review based on Lyons (1999), for a definition of the category definiteness in natural languages, Kibort (2010), for the promotion of the category to a feature, and Zwicky (1986), for a syntactic mechanism to deal with a definiteness feature, this paper is an effort to demonstrate that a definiteness feature can be differently realized morphologically and syntactically cross-linguistically. This pattern therefore suggests that definiteness is similar to the other features in the inventory  $\phi$  (HARLEY; RITTER, 2002; CARVALHO, 2008).

**Keywords:** definiteness,  $\phi$ -feature, comparative syntax

---

\* Universidade Federal da Bahia, UFBA.

O conceito semântico e/ou pragmático de *definitude* tem sido matéria de muito debate entre linguistas e filósofos, nos mais diversos quadros teóricos.<sup>1</sup> Segundo Kibort (2010), a categoria semântica que corresponde mais aproximadamente à função central da categoria gramatical definitude é *identificabilidade*, isto é, a expressão que indica se o referente é familiar ou já estabelecido no discurso. Lyons (1999, p. 278) observa que “[i]n languages where identifiability is represented grammatically, this representation is definiteness; and definiteness is likely to express identifiability prototypically”. Como com outras categorias gramaticais, é de se esperar que haja outros usos para definitude que não se relacionem com identificabilidade — tal como *inclusividade* (HAWKINS, 1978), que é particularmente apropriado para usos não referenciais de definitude com sintagmas nominais plurais ou massivos. Inclusividade expressa, por exemplo, o fato de a referência poder ser feita pela totalidade de objetos ou de massa no contexto que satisfaz a descrição (cf. LYONS, 1999, p. 11).

Além de identificabilidade e inclusividade, outros conceitos que podem ser considerados significativos para a compreensão de definitude incluem familiaridade, singularidade e referência (cf. LYONS (1999) para um panorama robusto das tradições de investigação relevantes). Além disso, na discussão sobre a natureza de definitude, várias outras distinções são extraídas além daquela entre definido vs. indefinido, dentre elas: específico vs. não específico e dêitico vs. não dêitico. Especificidade e dêixis podem interagir com definitude afetando sua realização gramatical (cf. CARVALHO (2008) para uma discussão sobre a relação entre esses traços).

Kibort (2010) aponta que deve haver uma variação considerável entre as línguas acerca da marcação da categoria gramatical de definitude. Lyons (1999) mostra que algumas línguas permitem que genéricos assumam a forma definida (como o francês e o português brasileiro) enquanto outras não.<sup>2</sup> O autor mostra que, em algumas línguas, definitude é opcional mesmo em sintagmas nominais claramente interpretados como identificáveis (por exemplo, em hauçá, língua tchádica falada no Benim, em Camarões, em Chade, em Gana, no Níger, na Nigéria, na Tanzânia e no Togo). Já em línguas como o maori, língua austronésia falada na Nova Zelândia e nas Ilhas Cook, que apresenta um artigo combinando usos definidos (identificáveis) óbvios com algo semelhante à especificidade, tal artigo também pode ser tratado como codificação de definitude — neste caso, certas ocorrências de sintagmas nominais, que, em outras línguas, são tratadas como indefinidas, são gramaticalmente definidas. Entretanto, apesar de toda essa

---

<sup>1</sup> Como apontado por um parecerista anônimo, há muitas vezes na literatura uma discussão no estabelecimento das noções de *definitude* e *especificidade* (cf. ENÇ, 1991). Entendo definitude aqui como a propriedade dos determinantes de mostrar que o referente de uma expressão nominal é acessível tanto ao falante quanto ao ouvinte (identificabilidade) e/ou que a expressão nominal corresponde à totalidade dos possíveis referentes (inclusão); especificidade, por sua vez, é entendida aqui como a capacidade de os nominais fazerem referência a entidades específicas do mundo (cf. MARIANO, 2012; CERQUEIRA, 2015).

<sup>2</sup> Para uma discussão sobre a leitura genérica de nominais definidos, ver Müller (2002).

variação, há sempre um núcleo central de usos da definitude gramatical que a relaciona diretamente com identificabilidade.

Definitude é uma categoria do sintagma nominal.<sup>3</sup> Lyons (1999, p. 278) assume que o conceito semântico/pragmático de identificabilidade subjacente à categoria gramatical definitude é provavelmente universal. É possível verificar que uma interpretação “definida” desempenha um papel importante mesmo em línguas que não apresentam marcas formais de definitude. Por exemplo, em mandarim, um sintagma nominal na posição sujeito geralmente é um tópico e, dessa forma, “definido”, enquanto um sintagma nominal em uma construção existencial deve ser interpretado como indefinido. Portanto, mesmo que definitude não seja uma categoria formal em mandarim, ela é ainda assim um elemento da organização do discurso que corresponde à identificabilidade do referente.

Assim, nem todas as línguas possuem um conceito gramaticalizado de definitude. Definitude como uma categoria gramatical está presente apenas em línguas que apresentam alguma marca realizada dessa categoria, por exemplo, algum tipo de artigo definido. Uma vez que definitude pode ser considerada uma de várias categorias que servem para guiar o ouvinte a estabelecer o modo como o discurso é estruturado e como entidades referidas se encaixam nele, marcas de definitude não são essenciais para a comunicação. Algumas línguas que não gramaticalizam definitude podem compensá-la através da marcação de outras distinções com função similar, como, por exemplo, a marcação casual em armênio (cf. YEGHIAZARYAN, 2010). Além disso, muitas línguas têm definitude gramaticalizada apenas em sintagmas nominais pronominais, mas não em sintagmas plenos. Lyons (1999, p. 280) fornece a seguinte tipologia de línguas no que diz respeito à gramaticalização de definitude:

**Tipo I:** sem definitude;

**Tipo II:** definitude disponível apenas em sintagmas nominais pronominais;

**Tipo III:** definitude disponível em sintagmas nominais pronominais e plenos.

O autor nota que as línguas do Tipo II certamente representam um fenômeno estranho, mas não incomum, pois pronomes diferem estruturalmente de sintagmas nominais plenos.

Definitude pode, ainda, ser codificada utilizando-se uma ampla variedade de dispositivos lexicais, sintáticos e morfológicos. Lyons (1999) classifica definitude em duas categorias de codificação amplas: “simples” e “complexa”. Codificação de definitude simples ocorre quando os sintagmas nominais definidos e indefinidos são marcados com algum tipo de artigo, realizados tanto como afixos ou como determinantes livres. Codificação de definitude

---

<sup>3</sup> Há uma distinção feita pelo modelo teórico adotado nesta pesquisa entre sintagma nominal e sintagma determinante. Enquanto aquele trata da expressão lexical da expressão referencial, este trata da expressão funcional de tal expressão referencial. Assim, por agora, consideraremos a expressão lexical da expressão referencial.

complexa ocorre quando a definitude do sintagma nominal se deve a algo além da presença ou ausência de um artigo e pode ser encontrada em nomes próprios, pronomes pessoais e sintagmas nominais que contêm modificadores demonstrativos ou possessivos (cf. LYONS, 1999, p. 107-156).

Normalmente, definitude não é um traço- $\phi$  por definição, isto é, um traço envolvido nas relações de concordância, mas uma informação adicional selecionada por um sintagma nominal, que pode ser expressa através de um determinante livre, uma marca afixal ou um clítico.<sup>4</sup> Essa informação pode ser expressa mais de uma vez dentro de um sintagma nominal, como, por exemplo, nos casos de dupla determinação, discutidos por Lyons (1999), em hauçá, *ewe*, dinamarquês, islandês, albanês e romeno, e nos casos de adjetivos definidos em árabe, albanês, romeno e em algumas línguas eslovenas, bálticas e germânicas. Corbett (2006) também discute a marcação múltipla de definitude no hebraico moderno, no maltês e no norueguês.

Tem-se sugerido que, em algumas línguas, a definitude de um sintagma nominal é expressa através de uma marca de concordância em algum lugar da sentença. Podemos citar muitas línguas urálicas, por exemplo, que apresentam concordância de definitude entre o verbo e o objeto (cf. LYONS, 1999, p. 207-208). Entretanto, Corbett (2006, p. 91-93) aponta que definitude em húngaro é uma condição para formas de concordância, não um traço de concordância. O sufixo verbal em húngaro possui uma forma distinta quando ocorre em um contexto de um objeto definido, tendo sido sugeridas três análises para esse fenômeno: (i) o sufixo é uma marca fundida de marcas de concordância de sujeito (pessoa, número) e objeto (definitude); (ii) o verbo concorda com seu objeto apenas sob a condição de definitude, mas nunca de outra forma; (iii) verbos no húngaro não concordam com seus objetos, mas, em vez disso, apresentam um tipo especial de concordância de sujeito na presença de objetos definidos de terceira pessoa (exceto a marca *-lek/-lak*, sujeitos de primeira pessoa e objetos de segunda pessoa (familiar)). Em outras palavras, há concordância entre verbo e sujeito, e a sua realização está condicionada pela presença de um objeto definido. Corbett favorece a análise de definitude como uma condição de concordância (análise (ii)) e aponta que uma análise similar pode também ser apropriada para muna, língua austronésia, em que a concordância com diferentes realizações de acordo com a presença de um objeto definido, como descrito por Berg (1989, p. 59-60).

Apesar do fato de que a maioria dos exemplos de definitude não é um valor de um traço e, talvez, na melhor das hipóteses, pode ocorrer como um traço morfossemântico, deparamo-nos com um exemplo em que precisamos definir definitude como um traço morfossintático. Em alemão, para descrever a flexão nominal, é necessário observar gênero, número e caso. Entretanto, para descrever a flexão adjetival, após escrutínio de gênero, número

---

<sup>4</sup> Exceções são os trabalhos de Danon (2002), Pereltsvaig (2006), Minussi (2008), entre alguns outros.

e caso, ainda se faz necessário observar três paradigmas flexionais diferentes, referidos como “fortes”, “mistos” e “fracos”. Um adjetivo flexionado de acordo com o paradigma forte apresenta traços plenos de concordância. Os exemplos do alemão no Quadro 1 abaixo demonstram o paradigma forte para *gut* (‘bom’).<sup>5</sup>

	singular			plural
	masculino	neutro	feminino	
nominativo	<i>gut-er</i>	<i>gut-es</i>	<i>gut-e</i>	<i>gut-e</i>
acusativo	<i>gut-en</i>	<i>gut-es</i>	<i>gut-e</i>	<i>gut-e</i>
genitivo	<i>gut-en</i>	<i>gut-en</i>	<i>gut-er</i>	<i>gut-er</i>
dativo	<i>gut-em</i>	<i>gut-em</i>	<i>gut-er</i>	<i>gut-en</i>

**Quadro 1:** Paradigma forte para *gut*. Fonte: KIBORT (2008a)

O paradigma misto, ilustrado no Quadro 2 abaixo, demonstra marca de concordância parcialmente reduzida. Ele compartilha algumas formas com o paradigma forte, que está marcado abaixo com “S” (do inglês *strong*, ‘forte’), e algumas com o paradigma fraco, marcado com “F”. As formas restantes (não marcadas) são compartilhadas entre todos os paradigmas.

	singular			plural
	masculino	neutro	feminino	
nominativo	<i>gut-er</i> (S)	<i>gut-es</i> (S)	<i>gut-e</i>	<i>gut-en</i> (F)
acusativo	<i>gut-en</i>	<i>gut-es</i> (S)	<i>gut-e</i>	<i>gut-en</i> (F)
genitivo	<i>gut-en</i>	<i>gut-en</i>	<i>gut-en</i> (F)	<i>gut-en</i> (F)
dativo	<i>gut-en</i> (F)	<i>gut-en</i> (F)	<i>gut-en</i> (F)	<i>gut-en</i>

**Quadro 2:** Paradigma misto para *gut*. Fonte: KIBORT (2008a)

Finalmente, o Quadro 3 ilustra o paradigma fraco para o mesmo adjetivo. O paradigma fraco apresenta concordância reduzida.

	singular			plural
	masculino	neutro	feminino	
nominativo	<i>gut-e</i>	<i>gut-e</i>	<i>gut-e</i>	<i>gut-en</i>
acusativo	<i>gut-en</i>	<i>gut-e</i>	<i>gut-e</i>	<i>gut-en</i>
genitivo	<i>gut-en</i>	<i>gut-en</i>	<i>gut-en</i>	<i>gut-en</i>
dativo	<i>gut-en</i>	<i>gut-en</i>	<i>gut-en</i>	<i>gut-en</i>

**Quadro 3:** Paradigma fraco para *gut*. Fonte: KIBORT (2008a)

<sup>5</sup> Exemplos extraídos de Corbett (2006, p. 95-96).

Corbett nota que, na passagem do paradigma forte para o fraco, há menos flexões distintas em cada um (cinco no forte, quatro no misto e duas no fraco):

However, the sets of cells which are distinguished in the strong paradigm are not simply collapsed: the weak paradigm has different forms for the feminine singular and the plural, which are identical in the strong paradigm (CORBETT, 2006, p. 96).<sup>6</sup>

Assim, temos que tratar as escolhas de um paradigma como uma escolha de uma das três opções distintas, talvez como valores de traços. O que dita a escolha do paradigma para o adjetivo é o tipo de elemento na posição do determinante na sentença. A escolha do paradigma adjetival correlaciona-se com a escolha do determinante da seguinte forma:

- a ausência de um artigo correlaciona-se com a presença de adjetivos plenamente flexionados (flexão forte);
- artigos indefinidos (e alguns outros elementos, tais como pronomes possessivos) coocorrem com adjetivos portando flexão mista;
- artigos definidos coocorrem no sintagma nominal com adjetivos portando flexão fraca.

A correlação observada nos Quadros 2 e 3 pode ser entendida em termos de definitude, mesmo que não haja um único marcador de definitude em alemão nos adjetivos — em vez disso, definitude será expressa através da escolha do determinante e da seleção de terminações flexionais nos adjetivos. Uma forma de analisar definitude nos sintagmas nominais em alemão seria vê-la como uma atribuição ao sintagma juntamente com o determinante (opcional). Entretanto, é necessário ainda dar conta da seleção do paradigma adjetival, e a correlação observada sugere fortemente que se reconheça um traço morfossintático. No entanto, não está completamente claro se se está lidando com concordância ou regência.

Zwicky (1986, p. 984-987) analisa esse mecanismo como regência: os determinantes regem o traço de definitude nos adjetivos através de requerimentos de seleção de um tipo particular de paradigma adjetival. Sendo assim, se definitude é o traço regido, não se esperaria encontrar seu valor nos regentes. Ainda, além de afirmar que determinantes particulares requerem a seleção de paradigmas adjetivais particulares, é difícil caracterizar esse traço em termos de seus valores. A melhor caracterização que pode ser dada é: os artigos definidos regem o valor “fraco” ou “reduzido” do traço de definitude e os artigos indefinidos regem o valor “misto” ou “parcialmente reduzido” do traço de definitude. Esse panorama sugere que devemos adiar essa análise até termos uma teoria da regência sintática comparável à teoria da concordância canônica proposta por Corbett (2006).

---

<sup>6</sup> Tradução aproximada: “Entretanto, os conjuntos de células que são distintas no paradigma forte não são simplesmente colapsados: o paradigma fraco tem formas diferentes para o feminino singular e plural, que são idênticas no paradigma forte”.

Uma visão alternativa, que é adotada por Kibort (2010), é analisar as correlações como concordância: há covariação sintática entre os controladores (os dois tipos de determinantes: definido e indefinido) e os alvos (os adjetivos). A exponência entre definitude e os adjetivos não é autônoma, mas expressa através da seleção do paradigma adjetival requerido. Em cada caso, o resultado é um paradigma particular de distribuição de informação relevante para o conceito de definitude através do sintagma. Parece fácil aceitar que os artigos definidos e indefinidos expressem eles mesmos um valor de definitude (e que se comportem como controladores da concordância nos adjetivos), mesmo que, a partir dessa visão, tenhamos que aceitar o fato de que os adjetivos em alemão concordam em número e gênero com um controlador (o nome), mas em definitude com outro (o determinante).

O fato de que os valores dos traços propostos na discussão que segue possam não corresponder sempre semanticamente a (in)definitude não representa um problema para dar ao traço o rótulo de *definitude*. De um modo paralelo, o que é rotulado como *gênero* geralmente não corresponde à classe ou ao gênero atribuído semanticamente. O traço de gênero possui um núcleo (ou base) semântico, mas há algumas línguas com atribuição de valores de gênero puramente gramaticais (cf. CARVALHO, 2016a). De forma similar, definitude em alemão tem alguma base semântica, mas não esperamos necessariamente que seja atribuída semanticamente.

O traço de definitude parece ter dois valores: definido e indefinido. Entretanto, Lyons (1999, p. 49-51) aponta que, em línguas que fazem a simples distinção definidos/indefinidos, a análise correta das marcas de definitude pode ser que apenas definitude é diretamente codificado.<sup>7</sup> Em tais casos, consideramos definitude como uma informação adicional selecionada por um sintagma nominal, não um valor de traço, como definido em Zwicky (1985) e Kibort (2008b).

Na discussão sobre traços, rótulos como “gênero”, “pessoa” ou “tempo” são geralmente usados em referência ao valor de um traço quanto o traço em si. Por exemplo, o termo “gênero” é usado seja para classes particulares de nomes (e, assim, uma língua pode ter dois ou mais gêneros), seja para a categoria gramatical como um todo (assim, uma língua pode ou não ter a categoria de gênero). No mesmo sentido, podemos nos referir a um “inventário de traços” (significado, categorias ou os próprios traços), enquanto, ao mesmo tempo, podemos falar de “checagem de traços” ou de “unificação de traços” na sintaxe (significado, checagem ou unificação de especificações de traços, por exemplo, valores de traços). Porém, é importante manter a distinção entre *traços* e seus *valores*, enquanto tentativa de construir alguma

---

<sup>7</sup> Lyons (1999, p. 48) aponta o fato de que a distinção definido/indefinido não parece ser universal e, na realidade, poucas línguas a apresentam. Atualmente, segundo o autor, a maioria das línguas que faz essa distinção são línguas europeias ocidentais e as das regiões em redor do Mediterrâneo, além das regiões onde essas línguas pousaram através da colonização.

taxonomia ou tipologia de traços, pois as características ou o comportamento de um traço como tal não serão o mesmo que as características de um valor de traço.

Seguindo Zwicky (1985), usaremos os termos “traço” e “valor”. Apesar de os conceitos *masculino*, *feminino*, *neutro* ou os conceitos *nominativo*, *acusativo*, *genitivo* etc. serem todos valores, algumas questões podem ser levantadas sobre a relação entre eles (cf. ADGER, 2011; CARVALHO, 2008, 2010, 2011, 2013, 2015, 2016b). Uma dessas questões diz respeito à partilha do espaço dos traços em geral entre os valores disponíveis, ou seja, por exemplo, tentar chegar a definições de valores de gênero e número para uma antologia de descrição linguística. Outra questão diz respeito à estruturação interna dos valores disponíveis para um traço particular em uma língua particular (cf. CORBETT, 1991, 2000).

Voltemos à discussão acerca de um traço de definitude. Segundo Kibort (2010), um complicador para a análise desenhada aqui é o fenômeno dos artigos cardinais *quasi*-indefinidos, como *um(a)* no português e o *a* e a forma reduzida *some* no inglês (geralmente convencionada como *sm*, cf. Lyons (1999, p. 34)). Apesar de podermos argumentar que *a* e *sm*, tal como *um(a)*, possam ser palavras cardinais e não artigos indefinidos, eles

indiretamente sinalizam indefinitude embora não a codifiquem: *a* é obrigatória em sintagmas nominais singulares indefinidos na ausência de um outro determinante e nem *a* nem *sm* podem aparecer em sintagmas nominais definidos. Esta “sinalização indireta” de indefinitude por um determinante de cardinalidade, que leva a uma forte intuição de que ela contrasta com determinantes definidos, é generalizada. (LYONS, 1999, p. 48-49).<sup>8</sup>

Consequentemente, há potencialmente três formas pelas quais definitude pode ser expressa em línguas que fazem distinção definidos/indefinidos: (a) apenas definitude é marcada; (b) apenas indefinitude é marcada; (c) ambas definitude e indefinitude são marcadas.

Se excluirmos os artigos *quasi*-indefinidos como marcadores de indefinitude, então a possibilidade (a) é de longe a mais comum. De fato, Lyons (1999, p. 51) afirma que marcadores de indefinitude aparecem em quase todos os casos como artigos cardinais em vez de verdadeiros artigos indefinidos. Portanto, em uma interpretação estrita dos termos, o padrão (a) é o único que ocorre.

De acordo com Chomsky (1995), entre outros, é assumido que a Gramática Universal oferece um conjunto universal de traços. Um subconjunto desses traços é escolhido por uma língua e armazenado em alguns nós terminais da sintaxe. Para Alexiadou (2004, p. 27), há duas razões para certos traços serem ativos sintaticamente. Primeiramente, a presença de conteúdo semântico pode ser vista como uma propriedade relevante para determinar que traços podem

---

<sup>8</sup> Tradução livre do original: “[...] do indirectly signal indefiniteness while not encoding it: *a* is obligatory in singular indefinite noun phrases in the absence of any other determiner, and neither *a* nor *sm* ever appears in definite noun phrases. This ‘indirect signalling’ of indefiniteness by a cardinality determiner, leading to a strong intuition that it contrasts with definite determiners, is widespread”.

ser representados em um nó terminal sintático, isto é, os traços são representados na sintaxe independentemente apenas se forem relevantes para interpretação, como, por exemplo, Tempo e Aspecto. Em segundo lugar, os traços que não são relevantes para interpretação semântica, tais como Caso nos nomes, estão presentes na computação sintática na medida em que eles engatilham operações sintáticas específicas, tais como movimento e *Agree* (CHOMSKY, 2001). A realização morfológica de um dado traço, de acordo com Alexiadou (2004), não interfere em sua função sintática/interpretativa. Mesmo os traços que não parecem relevantes para a sintaxe, ou não são interpretáveis nesse nível, são morfológicamente realizados, e vice-versa, traços que não recebem realização morfológica são ativos na sintaxe, como Caso nos nomes no inglês, por exemplo. Dessa forma, a discussão gira em torno de que traços são sintaticamente ativos. Alexiadou argumenta que traços que não são sintaticamente ativos nunca encabeçam projeções funcionais na estrutura sintática ou estão envolvidos em operações sintáticas nucleares, como *Agree*. Alexiadou (2004) faz, portanto, uma distinção crucial entre *Agree* e concordância, sendo a primeira uma operação abstrata na computação sintática, como definido por Chomsky (2001), enquanto a outra se refere à superfície, isto é, concordância seria o resultado de propriedades morfológicas do sistema flexional, não sendo sintaticamente ativa. Gostaria de sugerir, entretanto, baseado na discussão feita aqui, que o traço de definitude está ativo para a computação sintática como definido por Chomsky (2001), embora não haja uma projeção funcional específica para esse fim.

Em búlgaro, por exemplo, definitude parece ser licenciada por *Agree*. Essa língua, segundo Koev (2011), apresenta um *puzzle* na distribuição da marca de definitude (DEF), que varia quanto a sua localização dentro do DP. (1), abaixo, ilustra as principais opções para sua ocorrência. Podemos observar que se apenas um nome está presente no DP, DEF se liga a ele (cf. (1a)). Se um modificador adjetival precede o nome, DEF se realiza adjacente ao adjetivo (cf. (1b,c,d)). Se um numeral precede o adjetivo, encontraremos DEF no numeral. E, finalmente, se o nome está apenas acompanhado de um PP complemento, DEF se anexa ao nome (cf. (1f)). Todas as outras posições de ocorrência de DEF nos dados apresentados pelo autor são agramaticais.

- (1) a. **momč-e-to**  
garoto-N-DEF.N  
'o garoto'
- b. **xubav-a-ta**      **žen-a**  
pretty-F-DEF.F      mulher-F  
'a bela mulher'
- c. [silno      vpečatlen-a-ta]      žen-a  
fortemente      impressionad-F-DEF.F      mulher-F

‘a mulher muito impressionada’

- d. [gord-a-**ta**                      [ot m?ž-a                      si]] žen-a  
 orgulhos-F-DEF.F    de marido.M-DEF.M    sua mulher-F  
 ‘a mulher que tem orgulho de seu marido’
- e. tret-a-**ta**                      nov-a                      knig-a  
 terceir-F-DEF.F    nov-F                      livro-F  
 ‘o terceiro novo livro’
- f. motor-?t                      [na Ivan]  
 motocicleta.M-DEF.M    de Ivan  
 ‘a motocicleta do Ivan’

Koev (2011) sugere haver um traço [DEF], originado em  $D^0$ , que entra em um processo cíclico de concordância e, conseqüentemente, resulta na complexidade da distribuição de DEF em búlgaro.

Covertt e Bond (2016), por seu turno, mostram que há uma relação de concordância no norueguês engatilhada pelo que os autores chamam de “traço de definitude” (*definiteness feature*). Em (2), abaixo, podemos observar que, em norueguês, aparentemente, é o determinante que engatilha as marcas de definitude, e não nomes, uma vez que, na ausência do determinante definido *det*, o nome *hus* não apresenta marca de definitude, como observado em (2b).

- (2) a. det                      ny-e                      hus-et                      mitt  
 DEF.D.SG    novo-DEF.SG    casa(N)-DEF.N.SG    POSS.1.SG.N  
 ‘a minha nova casa’
- b. mitt                      ny-e                      hus  
 POSS.1.SG.N    novo-DEF.SG    casa(N)[INDEF]  
 ‘minha nova casa’

Alguns estudos já dão pistas de uma relação de concordância de definitude interlinguisticamente, como Androutsopoulou (1996) para o grego moderno (cf. (3)), Giusti (1997) para o hebraico (cf. (4)) e o albanês (cf. (5)), e Nishiyama (1995) para o buginês (cf. (6)).

(3) **grego moderno**

- |     |      |     |        |
|-----|------|-----|--------|
| to  | kalo | to  | vivlio |
| DEF | bom  | DEF | livro  |

‘o livro bom’

(4) **hebraico**

ha-bayit	ha-gadol
DEF.M-casa	DEF.M-grande
‘a casa grande’	

(5) **albanês**

djal-i	i-mire
garoto-DEF.M	DEF.M-bom
‘o bom garoto’	

(6) **buginês**

iaro	buku-e	malotonng-e	lima-e
aqueles	livro-DEF.M	preto-DEF.M	cinco-DEF.M
‘aqueles cinco livros pretos’			

Apesar de a maior parte das línguas apresentadas aqui marcarem definitude morfológicamente, esse efeito pode ser observado sintaticamente em línguas românicas, como o espanhol e o português brasileiro. Nessas línguas, pode-se observar essa propriedade em pronomes anafóricos, que mostram como predicados (adjetivais ou verbais) dependem de concordância  $\phi$ , morfológico ou sintaticamente, para serem licenciados.

- (7) a. Consegui **departamento** y ya **lo** compré.  
 b. Consegui **casa** y ya **la** compré.
- (8) a. Eu consegui **apartamento** e já \***o/Ø** comprei.  
 b. Eu consegui **casa** e já \***a/Ø** comprei.

Em espanhol, a relação anafórica requer obrigatoriamente concordância total (identidade de traços) de um pronome resumptivo (7), o que não é o caso para o português brasileiro (8). No português brasileiro, a leitura genérica de (8) não permite retomada anafórica do controlador, uma vez que não há traços- $\phi$  para serem copiados.

Como apontado em Carvalho (2016b, 2018), clíticos precisam recuperar todo o conjunto  $\phi$ , incluindo, portanto, gênero e definitude. Não havendo um DP  $\phi$  completo antecedente, a retomada anafórica é feita apenas por pronomes nulos. Pronomes anafóricos realizados exigem um conjunto completo de traços- $\phi$ , que podem ser encontrados em determinantes definidos. Ainda, mesmo com anáforas não clíticas, gênero e número, juntamente com D (um determinante), desempenham algum papel na sintaxe. Assim, referencialidade parece ser codificada através da valoração dos traços- $\phi$ , incluindo gênero e

definitude. Outros trabalhos sobre a sintaxe do português brasileiro, tais como Mariano (2012), Cerqueira (2015), e Silva, Carvalho e Ziober (2015, 2016, 2017), também apontam esse efeito sintático de definitude e o traduzem como uma relação de traços sintáticos.

Carvalho (2008, 2010), com base em uma geometria de traços proposta inicialmente por Harley e Ritter (2002), já defende que definitude faz parte do inventário de traços componentes dos pronomes pessoais no português e tem papel ativo na sintaxe dessa língua, o que reforça o fato de que um traço de definitude pertence à sintaxe das línguas.

Conclui-se, portanto, com base nas evidências interlinguísticas apontadas e partindo-se da hipótese de que definitude participa ativamente da computação de DPs e seus predicados, que essa categoria deve ser entendida como um traço, o qual é relevante para operações sintáticas, tais como *Agree*, pertencendo, assim, ao conjunto dos traços- $\phi$ .

## Referências

- ADGER, D. *Phi-Theory: interfaces in Linguistic Theory*. In MOURA, D.; SIBALDO, M.A. (eds) Estudos e pesquisas em teoria da gramática. Maceió, AL: EDUFAL, 2013, p. 11-32.
- ALEXIADOU, A. Inflectional class, gender and DP internal structure. In: MÜLLER, G.; GUNKEL, L.; ZIFONUN, G. (Eds.). *Explorations in Nominal Inflection*. Mouton de Gruyter, Berlin: 321-372.
- ANDROUTSOPOULOU, A. The licensing of adjectival modification. In CAMACHO, J.; CHOUERI, L.; WATANABE, M. (eds.). *WCCFL 14: The Proceedings of the Fourteenth West Coast Conference on Formal Linguistics*. Chicago: CSLI Publications, 1995, p. 17-32.
- BERG, R. van den. *A Grammar of the Muna Language*. Dordrecht: Foris, 1989.
- CARVALHO, D.S. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em Português Brasileiro*. 151f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFAL, 2008.
- CARVALHO, D.S. Geometria de traços e a sintaxe de pronomes no português brasileiro. In: BRITO, A.M.; SILVA, F.; VELOSO, J.; FIÉIS, A. (orgs.). *XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Lisboa*. Textos Seleccionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: Tipografia Nunes Lda, 2010. p. 245-261, 2010.
- CARVALHO, D.S. Sincretismo, subespecificação de traços e a sintaxe de gênero em uma comunidade do português afro-brasileiro: um estudo de caso. *Papia* (Brasília), v. 1, p. 83-97, 2011.
- CARVALHO, D.S. Algumas considerações sobre a morfossintaxe de gênero. *Estudos Linguísticos e Literários*, n. 47, jan-jun 2013, p. 30-46
- CARVALHO, D.S. Sobre pessoa e referencialidade no português. *Revista Letras*, Curitiba, n. 91 p. 131-157, jan./jun. 2015.
- CARVALHO, D.S. Remarks on the complexity of gender. *Caderno de Squibs*, v. 2, n. 1 · 2016a, p. 10-19
- CARVALHO, D.S. Concordância fracassada é, na verdade, relativização de traços. In PILATI, E. N.S. (org.). *Temas em teoria gerativa: homenagem a Lucia Lobato*. Curitiba, PR: Blanche, 2016b, p. 103-129.
- CARVALHO, D.S. *On gender agreement in Brazilian Portuguese*. Ms. Universidade Federal da Bahia, 2017, p. 1-28.
- CARVALHO, D.S. O traço de gênero na morfossintaxe do português. *DELTA*, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 635-660, 2018.

- CERQUEIRA, F. O. Reflexos semânticos na sintaxe de terceira pessoa. *Letrônica - Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*, v. 8, n. 2, p. 422-437, jul./dez. 2015.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. *Beyond explanatory adequacy*. MIT Occasional Papers in Linguistics. 20. Cambridge, MA: MIT Working Papers in Linguistics, 2001.
- CORBETT, G. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- CORBETT, G. *Number*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CORBETT, G. *Agreement*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- CORBETT, G.G.; BOND, O. Why are there exactly five types of morphosyntactic features. Handout. 49th Annual Meeting of the Societas Linguistica Europea. University of Naples Federico II, Italy, September, 2016.
- DANON, G. *Case and Formal Definiteness: the Licensing of Definite and Indefinite Noun Phrases in Hebrew*, PhD dissertation, Tel-Aviv University, 2002.
- ENÇ, M. The Semantics of Specificity. *Linguistic Inquiry*. v. 22, n. 1, p. 1-25, 1991.
- GIUSTI, G. The categorial status of determiners. In: HAEGMAN, L. (ed.) *The new comparative syntax*. London: Longman, 1997, p. 95-123.
- HARLEY, H.; RITTER, E. Person and number in pronouns: a feature-geometric analysis. *Language* 78, p. 482-526, 2002.
- KIBORT, A. Towards typology of grammatical features. In: KIBORT, A.; CORBETT, G.G. (eds.). *Features: perspectives on a key notion in Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2010, p. 64-106.
- KOEV, T. Definiteness as Agreement: Evidence from Bulgarian. In: WASHBURN, M.B. (ed.). *Proceedings of the 28th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2011, p. 133-141.
- LYONS, C. *Definiteness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- MARIANO, V.C. A estrutura dos DPs em posição sujeito no português rural afrodescendente. *Revista Inventário*, v. 11, p. 1-15, jul./dez. 2012.
- MINUSSI, R. 2008. *A relação entre caso e definitude em hebraico: o construct state e a marcação diferencial do objeto*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2008.
- MULLER, Ana. Genericity and the denotation of common nouns in Brazilian Portuguese. *DELTA*, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 287-308, 2002.
- NISHIYAMA, K. Free order in Buginese noun phrase. Free Order in Buginese Noun Phrases and DP-Internal XP-Movement. In: TAMANJI, N.; KUSUMOTO, K. (eds.) *Proceedings of NELS 28*. GLSA, University of Massachusetts/Amherst, 1998, p. 121-135.
- PERELTSVAIG, A. Head movement in Hebrew nominals: A reply to Shlonsky. *Lingua*, v. 116 n. 8, p. A1-A40, 2006.
- SILVA, C. R. T.; CARVALHO, D. S.; ZIOBER, F. M. Composicionalidade e valoração de traços de pessoa em variedades do português. *Handout*. VI Encontro do Grupo de Estudos de Línguas em Contato. Universidade Federal da Bahia, Brasil, dez. 2015.
- SILVA, C. R. T.; CARVALHO, D. S.; ZIOBER, F. M. Traços de pessoa e duplos sujeitos no português. *Handout*. XXXI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística – ANPOLL. Universidade Estadual de Campinas, Brasil, jun. 2016.
- SILVA, C. R. T.; CARVALHO, D. S.; ZIOBER, F.M. Licenciamento de duplos sujeitos em variedades do português: pessoa, definitude e estrutura de traços. *Letras Escreve*, v. 7, n. 2, 2017, p. 91-116.

YEGHIAZARYAN, L. 2010. *Caso, definitude e os sintagmas nominais em armênio*. 235f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 2010.

ZWICKY, A.M. How to describe inflection. *Berkeley Linguistic Society*, v. 11, p. 372-386, 1985.

ZWICKY, A.M. Imposed *versus* inherent feature specifications, and other multiple feature markings. In *The Indiana University Linguistics Club 20th Anniversary Volume*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1986, p. 85-106.

*Squib* recebido em 31 de março de 2017.

*Squib* aceito em 21 de fevereiro de 2018.

# O auxiliar de futuro na sintaxe temporal: por uma projeção que lexicalize verbos no presente

Paulo Ângelo de Araújo Adriano\*

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo refletir e questionar o papel do auxiliar de futuro do presente, em perífrases, na sintaxe temporal do português brasileiro. A proposta que se analisa é a de Giorgi e Pianesi (1997) na medida em que propõem a extensão do IP em AGR's (AGR<sub>1</sub> e AGR<sub>2</sub>) e TP's (TP<sub>1</sub> e TP<sub>2</sub>). Os autores, fundamentados pelas considerações sobre auxiliar em Chomsky (1995), afirmam que verbos no Tempo presente são interpretados somente em LF, pois tal Tempo tem forma não marcada, e, por isso, T<sub>1</sub> não deve ser lexicalizado. Nesse Tempo, somente AGR<sub>1</sub> e VP são projetados. Porém, pôde-se verificar que o auxiliar de futuro precisa ser lexicalizado, uma vez que ele é a estrutura pivô da noção temporal que somado ao infinitivo denota futuro. Dessa maneira, o objetivo deste trabalho é problematizar e trazer considerações para ampliar análises acerca da sintaxe temporal em PB.

**Palavras-chave:** sintaxe temporal, auxiliar, tempo futuro

## Abstract

This paper aims to observe and to question the role of the “futuro do presente” auxiliary in periphrasis, in the temporal syntax of Brazilian Portuguese. This study makes considerations about Giorgi and Pianesi (1997), according to their proposition of IP extent in AGRs (AGR<sub>1</sub> and AGR<sub>2</sub>) and TPs (TP<sub>1</sub> and TP<sub>2</sub>). Considering Chomsky (1995), the authors state that verbs in the Present Tense are only interpreted in the LF, because this tense has a non-marked form, and, due to this fact, T<sub>1</sub> is not lexicalized. With a present tense reading, only AGR<sub>1</sub> and VP are projected. However, we could verify that the auxiliary in the Future Tense needs to be lexicalized, once it is the pivotal structure of the temporal notion that denotes Future Tense when added to the infinitive. Thus, the aim of this paper is to put Giorgi and Pianesi's purpose in doubt and make considerations to expand on the analysis about the temporal syntax in Brazilian Portuguese.

**Keywords:** temporal syntax, auxiliary, future tense

---

\* Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Mestrando em linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística, *e-mail*: pauloangeloaa@gmail.com. Esta pesquisa foi financiada pela CAPES. Agradeço aos pareceristas anônimos que contribuíram para o formato final deste texto, ainda que nem todas as sugestões puderam ser contempladas. Agradeço também à Sonia Cyrino e ao Maurício Resende pela leitura cuidadosa e pelos comentários de versões anteriores deste trabalho. As falhas remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

## 1 Introdução

Parece ser consenso entre os linguistas que o sistema flexional dos verbos em português brasileiro (doravante PB) apresenta uma certa complexidade, pois há cumulação na morfologia das noções de Tempo, modo e aspecto. Especificamente tomando o Tempo presente para análise, seu morfema zero ( $\emptyset$ ) parece ser o responsável pela neutralidade quanto à sua significação; ou seja, o presente pode expressar conteúdo de outras formas (CAMARA JR., 1970; MIOTO, 1985; BALDÉ, 2013), tendo uma leitura (1) estativa; (2) de presente histórico; (3) de presente habitual; (4) de presente genérico, atemporal; e (5) de futuro, respectivamente:

- (1) João **é** inteligente. (BALDÉ, 2013, p. 74)
- (2) Portugal **perde** o final do jogo de 2006 em Lisboa. (BALDÉ, 2013, p. 76)
- (3) Abdoul **vai** de carro para o trabalho. (BALDÉ, 2013, p. 77)
- (4) As baleias **são** mamíferos. (BALDÉ, 2013, p. 78)
- (5) Daqui a pouco **almoço** com a professora.<sup>1</sup> (BALDÉ, 2013, p. 75)

Embora seja consensual que as formas de presente são neutras quanto à sua significação, considerar a existência de um morfema para o Tempo presente é divergente entre os linguistas. No âmbito da morfologia, Camara Jr. (1970, p. 73), por exemplo, afirma que a diferença entre ‘falamos’ e ‘falávamos’, ‘faláramos’, ‘falaremos’ e ‘falaríamos’ se dá em virtude de a primeira forma poder indicar um presente e um pretérito, que se distingue dos outros justamente pela presença de um morfema zero; ou seja, enquanto existem morfemas temporais foneticamente realizados para pretérito imperfeito (-va-), mais que perfeito (-ra-), futuro do presente (-re-) e futuro do pretérito (-ria-), os morfemas número-pessoais de 1ª pessoa do plural do indicativo (-mos) podem tanto ter uma leitura de Tempo presente quanto de Tempo passado. Porém o

---

<sup>1</sup> Um parecerista anônimo questionou sobre se o que faz o futuro é o verbo ou o efeito composicional do modificador. Acredita-se que, para os casos em que o verbo está no presente, como em (4), a leitura futurizada esteja no verbo em si, porém Araújo Adriano (em andamento) mostra que na diacronia verbos no presente que indicam futuro aparecem 49% acompanhados de um advérbio e 51% sem nenhum modificador temporal. Não se sabe ao certo ainda o quão essas estruturas foram reanalisadas como forma de futuro, porém, como aponta o autor, parece que a intuição do falante de PB não diferencia (i) de (ii); em ambas as sentenças, B envia os documentos num momento após a fala:

- (i) A: Nós precisamos resolver as pendências do seu contrato!  
B: Ah, tudo bem! Pode deixar que depois eu te envio as informações que estão faltando.
- (ii) A: Nós precisamos resolver as pendências do seu contrato!  
B: Ah, tudo bem! Pode deixar que eu te envio as informações que estão faltando.

contraste entre (6) e (7) mostra que o que se tem, em se tratando do presente, é um morfema zero ( $\emptyset$ ), seguindo a fórmula geral da estrutura do vocábulo verbal (T (R + VT) + SF (SMT + SNP)<sup>2</sup> de Câmara Jr.:

(6) Canta- $\emptyset$ -m  
T-SMT-SNP

(7) Canta-va-m  
T-SMT-SNP

Em contrapartida, com uma interface sintaxe-semântica, porém abordando questões relativas à morfologia, Giorgi e Pianesi (1997) (G&P), consideram que o Tempo presente é uma forma não marcada morfologicamente. Isso faz diferença na proposta dos autores, porque, de acordo com eles, para que uma categoria temporal ( $T_1$  e  $T_2$ ) seja lexicalizada é necessário que haja um morfema para tal, uma vez que o critério-T prevê que um traço temporal é atribuído unicamente a um evento, que é expresso por meio de um morfema (discutido na Seção 2).

O presente trabalho assume Câmara Jr. e defende a existência de um morfema zero para o Tempo presente, tendo como objetivo discutir a importância do auxiliar, no Tempo presente, de futuro do presente em perífrases (Eu vou viajar para a Europa) do PB. Para tanto, este texto se organiza da seguinte maneira: na Seção 1, apresenta-se a teoria de Giorgi e Pianesi sobre a sintaxe temporal, bem como a maneira pela qual os autores lidam com o Tempo presente. Na Seção 2, mostra-se em que medida a teoria de Giorgi e Pianesi parece ser problemática para o auxiliar de futuro em perífrases no PB. Por fim, as considerações finais são feitas na Seção 3.

## 2 A sintaxe temporal

Na linguística, a categoria de Tempo verbal, de agora em diante Tempo, maiúsculo, é amplamente discutida, uma vez que ela pode ser relacionada com aspectos sintáticos, semânticos e até morfológicos. Sob a perspectiva sintática, a perspectiva que este trabalho explora, G&P (1997) argumentam que o Tempo como um operador sentencial é insuficiente para representar fielmente o significado de sentenças<sup>3</sup>. Diante disso, G&P propõem que os Tempos devem ser considerados como expressões relacionais que codificam as relações temporais entre as entidades temporais. Para eles, então, “nesse sistema, o inventário de

<sup>2</sup> Para descrever um vocábulo verbal, Câmara Jr. propõe o vocábulo verbal em que T é o tema, que se divide em R (radical) e VT (vogal temática). Somado a isso, tem-se o SF (sufixo flexional), que é a junção do SMT (sufixo modo-temporal) com o SNP (sufixo número-pessoal).

<sup>3</sup> Sobre a incapacidade de representar fielmente o significado da sentença por meio de operadores sentenciais, remete-se o leitor a Giorgi e Pianesi (1997:17-23).

Tempos possíveis é obtido pela interação entre a natureza e o funcionamento das entidades temporais relevantes para com suas realizações morfossintáticas” (G&P, 1997:22, tradução minha)<sup>4</sup>.

A proposta analisada neste trabalho é a de G&P (1997), a partir da definição de Tempo como uma categoria que estabelece relações entre os eventos que correspondem às entidades primitivas temporais de Reichenbach (1947). Segundo esse autor, para formalizar-se a lógica temporal, um Tempo contém termos que se relacionam ao momento do evento (E), ao momento da fala (S, de *Speech* do inglês) e ao momento da referência (R). G&P (1997) seguem a revisão proposta por Hornstein (1993) para quem cada Tempo é obtido pela relação do R/E e do R/S. Dessa maneira, partem da hipótese de que os Tempos estabelecem relações entre as entidades primitivas temporais, cuja forma lógica possui termos que se referem a eventos específicos, como o *Speech Time* e um termo, no caso R, referenciando precedência entre eles, de acordo com a teoria reichenbachiana. Assim, os autores propõem que a relação entre os momentos de Reichenbach nunca é diretiva, isto é, sempre há uma dupla relação (T<sub>1</sub> e T<sub>2</sub>), a partir do momento de Referência). Então, de acordo com eles, existem<sup>5</sup>:

- |                      |                |                  |                 |
|----------------------|----------------|------------------|-----------------|
| (8) T <sub>1</sub> : | S_R futuro     | T <sub>2</sub> : | E_R perfeito    |
|                      | R_S passado    |                  | R_E prospectivo |
|                      | (S,R) presente |                  | (E,R) neutro    |

As repercussões da morfologia na sintaxe só passaram a ser investigadas a partir do estudo de Pollock (1989), que incluiu na teoria X-barra a categoria máxima temporal, denominada de TP (Tense Phrase). G&P sugerem uma distinção categorial de TP entre T<sub>1</sub> e T<sub>2</sub>, uma vez que os morfemas que expressam cada relação têm conteúdo (traço temporal) e comportamento morfossintático diferentes. Dessa maneira, ambas as categorias atribuem, sob regência, um papel-T a posições de eventos na grade temática do verbo. Tal critério (9), semelhante ao critério-θ, segundo G&P, é um mecanismo formal que permite a identificação do argumento eventivo do verbo, ou de modo geral de um predicado, com um lugar argumental vazio na grade-T do predicado temporal, atribuindo-lhe assim sua interpretação temporal específica.

- (9) **Critério-T:** todo papel-T deve ser atribuído a somente uma posição de evento, e cada posição de evento deve receber no máximo um papel-T.

---

<sup>4</sup> In such a system the inventory of possible tenses is obtained from the interaction between the nature and functioning of the relevant temporal entities with their morphosyntactic realization. (G&P, 1997:22)

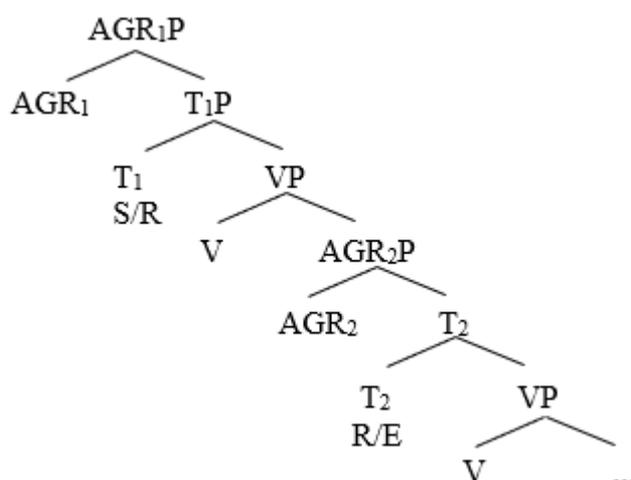
<sup>5</sup> Na representação reichenbachiana, a vírgula expressa simultaneidade entre os pontos, o traço indica precedência temporal do ponto à esquerda.

A motivação para essa proposta, segundo G&P, se baseia no fato de que, para cada verbo, há somente um morfema temporal, ou seja, são os morfemas que realizam traços temporais (traço- $\tau$ )<sup>6</sup> diferentes. Dessa forma, os autores assumem que as línguas carregam informação temporal e aspectual diferentes porque os morfemas expressando Tempo e aspecto exibem propriedades diferenciadas.

Diante disso, para G&P, T<sub>1</sub> e T<sub>2</sub> são itens lexicais que regem um predicado para a checagem do papel-T, lexicalizando relações de Tempo, S/R para T<sub>1</sub> e E/R para T<sub>2</sub>.

A partir disso, os autores, ancorados no Programa Minimalista (Chomsky, 1995), apresentam uma estrutura base para se estudar o Tempo verbal, levando em consideração a projeção TP, primeiramente discutida por Pollock (1989). A representação em (10) mostra a estrutura proposta pelos autores, em que T<sub>2</sub> e T<sub>1</sub><sup>7</sup>, sendo item lexicais, devem atribuir um papel-T cada: T<sub>2</sub> no verbo “real” e T<sub>1</sub> em um auxiliar para satisfazer o critério-T. Assim, o VP mais baixo é projetado pelo principal, ao passo que o verbo mais alto é projetado pelo auxiliar. Destarte, por (9), os verbos se movem para T<sub>1</sub> e T<sub>2</sub> para checagem de traços.

(10)



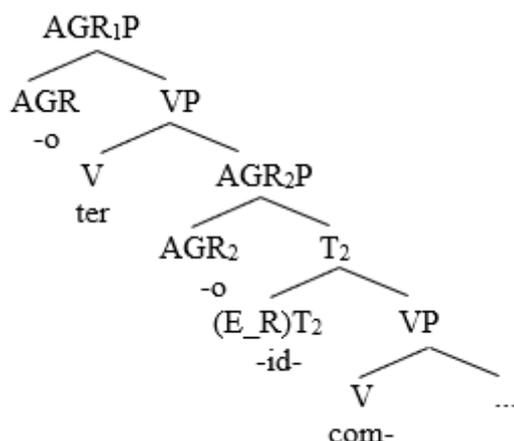
### 1.1 Giorgi e Pianesi (1997) e o Tempo presente

Segundo G&P (1997), os verbos auxiliares, de modo geral, não contribuem para a interpretação temporal da sentença, visto que a especificação do evento é herdada pelo verbo principal. Além disso, os autores afirmam que as propriedades temporais do Tempo presente estão disponíveis somente em LF, isso porque não há nenhum conteúdo morfológico para receber o traço-T. Logo, se não há morfologia, não há uma projeção lexical, o T<sub>1</sub>, para checar traço-T.

<sup>6</sup> Ver nota 9.

<sup>7</sup> Segundo G&P (1997), as formas que lexicalizam a relação R/S e R/E correspondem, respectivamente, às formas aspectuais e temporais.





Em (12), o verbo principal é dominado por T<sub>2</sub>, o núcleo aspectual que expressa E\_R. Assim, T<sub>2</sub> atribui seu papel-T ao V. AGR<sub>2</sub> é requisitado para atender às necessidades de concordância do –o. Ainda, o auxiliar ‘ter’ é inserido na derivação para lexicalizar AGR<sub>1</sub> e checar concordância. Segundo Silvério (2001:178), para derivar o passado composto do PB é necessário inserir “a noção de intervalo contendo S, que sofre escopo de um operador genérico, gerando a leitura habitual”. Assim pode-se pensar, como faz a autora, que é neste intervalo habitual que estão inseridos os eventos perfectivos em uma sequência de evento que não se fecha em sua totalidade.

Em suma, tanto G&P quanto Silvério propõem que, assim como em (11), em (12) não há na derivação um T<sub>1</sub>, pois o verbo auxiliar está no Tempo presente, e, por não apresentar morfologia, não deve, pois, ser lexicalizado, sendo interpretado como Tempo presente em LF.

Já que G&P partem do princípio de que uma estrutura no Tempo presente é interpretada como presente na LF, como explicar o Tempo de (13) e (14)?

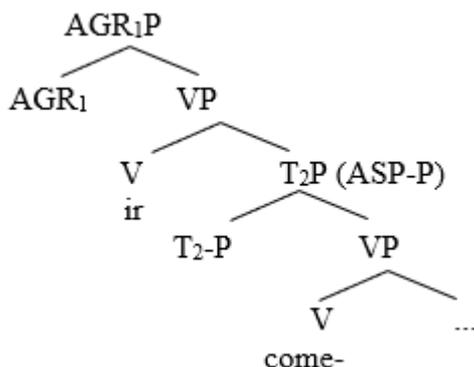
(13) O governo **vai pensar** em uma solução para a escassez da água.

(14) Ok, pode deixar que eu te **ligo**.

É problemático afirmar que as sentenças acima, pelo fato de estarem com morfologia de Tempo presente, serão interpretadas em LF como presente, visto que em PB elas indicam uma ideia de Tempo futuro. Silvério (2001) ainda propõe, para o futuro, uma representação em que também não há lexicalização do auxiliar no presente, mas sim do verbo principal; ou seja, por Silvério (2001), (13) e (14) seriam derivados sem T<sub>1</sub>, uma vez que o auxiliar está no presente, logo não precisaria ser lexicalizado, juntamente a G&P. Ver a derivação em (15).

Contudo, a autora concordaria, pelo exposto em sua proposta, que (13) e (14) seriam sentenças no futuro, e, para representar tal leitura, propõe que a morfologia de infinitivo (impessoal) apresenta aspecto perfectivo de aspecto conclusivo, sendo, então, valorado.

- (15) Vou            comer  
 ir.AUX.1SG    comer.INF



### 3 O auxiliar como pivô temporal

As sentenças abaixo parecem mostrar que o verbo principal não denota o Tempo da sentença sozinho, embora possa denotar o sentido principal:

- (16) João vai correr.  
 (17) João foi correr.  
 (18) João está a correr.<sup>12</sup>

Em (16-18), fica claro que a predicação é a de correr; isto é, um sujeito x tem como ação correr. Entretanto, também é inegável que as sentenças diferem-se em relação ao Tempo em que a predicação ocorre: elas expressam Tempo futuro, passado e presente respectivamente. Tal aceção parece estar presente no auxiliar, que age nas sentenças acima como pivô do Tempo, deixando o significado do evento para o verbo principal.

A ideia de que o auxiliar, pelo menos o de futuro, é o pivô temporal é contemplada na análise de Araújo Adriano (em andamento), em que o autor mostra, nos seus dados, que até o século XVIII o auxiliar ‘ir’ expressava uma leitura de prospecção, veiculada pelo traço [+prospectivo], e um traço temporal [+presente] (cf. Arrais, 1991 e Sousa, 1998), ou seja, ‘ir’ era usado para um evento imediatamente após o momento da fala, com a referência ancorada

<sup>12</sup> Estrutura *estar a* + infinitivo indicando progressividade, no português europeu (BALDÉ, 2013).

no presente. Porém, no século XIX a forma sintética, que tinha traços [+futuro, +irrealis], caiu em desuso, perdendo sua temporalidade, assim, 'ir' passou a ter uma leitura [+irrealis] substituindo a forma sintética e denotando futuro na língua. Disso, pela análise do autor, pode-se corroborar a ideia de que foi o auxiliar que veio a se gramaticalizar<sup>13</sup>, denotando futuro; logo, tem um papel importante, quanto à temporalização da sentença.

Dessa forma, parece que lexicalizar somente o verbo principal, conforme proposto por Silvério (2001) (cf. (15)), não dá conta da expressão de futuro, visto que o auxiliar tem um papel pivô na representação temporal, tanto por questões morfológicas (*fui, vou, estou a* em (16-18)), quanto por questões diacrônicas (traços [irrealis] no verbo 'ir') proposto por ARAÚJO ADRIANO (em andamento). Isso pode mostrar que os verbos auxiliares, mesmo flexionados no Tempo presente, precisam projetar um T, ou outra categoria semanticamente associada, para capturar a sua interpretação temporal específica atribuída, por meio do critério-T. Caso os verbos flexionados no presente sejam interpretados como tal em LF, a leitura veiculada em (13) e (14) não seria a leitura mais apropriada.

Além dessas considerações, o auxiliar tem o poder de c-selecionar restritamente seu complemento, por ser um verbo inacusativo (cf. Lunguinho, 2006; Corso, 2002; Rech, 2013), que tem como complemento um XP, sendo XP um núcleo InfP, GerP, PartP e PP. Por isso, segundo Lunguinho (2006) é característica do auxiliar ditar a forma morfossintática do verbo que com ele co-ocorre.

Lunguinho (2006) mostra que o verbo auxiliar c-seleciona somente um tipo de complemento. No escopo do presente trabalho, o 'ir' auxiliar, por ser um inacusativo, c-seleciona necessariamente um InfP (cf. 18), contrariamente ao *ir* lexical, indicativo de movimento espacial, que, por ser um inergativo, restringe o papel semântico do seu DP sujeito (cf. 19)<sup>14</sup>:

---

<sup>13</sup> Araújo Adriano (em andamento) assume que o traço [-distante] de Araújo Adriano (2016, 2017) seria semelhante a um traço aspectual de Prospecção (cf. Cinque, 1997 para uma hierarquia das projeções funcionais) e o traço [+distante] seria o traço modal irrealis de WollP (cf. WURMBRAND, 2007). Considera-se, portanto, segundo Roberts & Roussou (2013), que a gramaticalização de um item ocorre a partir da reanálise do conteúdo de uma categoria funcional, na medida em que sua estrutura, em termos de número de traço formal, se torna mais simples, i.e. com um menor número de traços, que a estrutura anterior. Araújo Adriano (em andamento) mostra, assim, que a gramaticalização se deu pela simplificação estrutural do auxiliar 'ir' que tinha uma leitura prospectiva, com traços [+prospecção] e [+presente], e passou a veicular uma leitura de futuridadade, somente com traços [+irrealis].

<sup>14</sup> Além do verbo *ir*, vários autores (cf. Lunguinho, 2006; Gonçalves, 2013; Araújo Adriano, 2014) atestaram o valor de futuro para os modais poder e dever. Em se tratando da dependência morfossintática, Lunguinho (2006, p. 472) afirma que 'ir', 'poder' e 'dever' compartilham das mesmas características sintáticas e semânticas. Sob o viés sintático, todos esses verbos selecionam um infinitivo como complemento:

- (18) a. Ana vai sair.  
b. \*Ana vai saída/saído.  
c. \*Ana vai saindo.

(LUNGUINHO, 2006, p. 472)

- (19) a. Os meninos vão para a escola.  
b. \*O Cristo Redentor vai para a escola.

Por esse fato, o de os auxiliares c-selecionarem seus complementos, Lunguinho propõe que as formas nominais dos verbos sejam portadoras de traços, uma vez que são retiradas do léxico e são inseridas na derivação já com seus traços, seguindo a proposta lexicalista do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995). Dessa forma, resgatando a proposta de Lunguinho (2006), Lunguinho (2011) sugere que o infinitivo tem traço [*irrealis*], que capta a essência de processo em potência, processo futuro.

Portanto, para que a forma nominal seja checada, cada auxiliar, segundo o autor, deve “atrair” uma forma nominal específica, uma vez que a dependência morfossintática do auxiliar é específica: [verbo auxiliar] → [verbo na forma nominal  $\alpha$ ], sendo  $\alpha$  um XP .

Diante disso, além de o auxiliar de futuro (*ir, poder, dever*) ditar, por dependência morfossintática, e, conseqüentemente, por checagem de traços<sup>15</sup>, a forma nominal do verbo (infinitivo), o auxiliar de futuro também, simultaneamente, checa o traço imperfectivo e o modal *irrealis* da forma nominal. Assim, não é o infinitivo sozinho que é interpretado como futuro pela sintaxe, como proposto por Silvério (2001). Parece que o auxiliar combinado da forma nominal atribui uma noção “tempoaspectomodal” para a sentença, conseguindo captar o Tempo por meio do pivô temporal, o auxiliar, e o aspecto e modo por meio da forma nominal. Disso, pode-se pensar que o auxiliar, mesmo no Tempo presente, precisa ter um traço temporal,

- 
- (i) Ana pode sair/\*saindo/\*saído/\*saída  
(ii) Ana deve sair/\*saindo/\*saído/\*saída  
(iii) Ana vai sair/\*saindo/\*saído/\*saída

Sob o ponto de vista semântico, a interpretação das sentenças em (i-iii) faz referência “a um dado ponto temporal posterior ao momento da enunciação” (LUNGUINHO, 2006).

<sup>15</sup> Segundo Chomsky (2001), todos os traços não interpretáveis devem ser apagados, via operação *Agree*, antes de a derivação ser enviada para o componente semântico. Assim, caso o auxiliar ‘ir’ não se concatene com um InfP, que porta traços interpretáveis, a operação de *Agree* não acontecerá e, conseqüentemente, o traço não interpretável, presente no auxiliar, segundo Lunguinho (2011), não será apagado não convergindo a derivação. Ou seja, grosso modo, só haverá valoração de traços se tanto o auxiliar quanto a forma nominal c-comandada por ele compartilharem o mesmo traço.

ou algum traço semanticamente associado, para checar os traços do seu complemento, da sua forma nominal.

Haver uma projeção que lexicalize o morfema zero dos verbos flexionados no presente poderia impactar a proposta de G&P na medida em que tal projeção deveria atribuir um papel-T para o morfema zero do verbo. Assim, caso essa projeção atribua um papel-T de habitualidade, por exemplo, a sentença em (3) seria gerada com uma leitura habitual; do mesmo modo, caso fosse atribuído um papel-T de futuridade (considere o traço *woll* proposto por Wurmbbrand, 2007) ao morfema modo-temporal zero do auxiliar em ‘vou’ (v+ø+ou, seguindo T+SMT+SNP), ou até mesmo ao morfema modo-temporal zero em ‘almoco’ (almoç-ø-o, seguindo T+SMT+SNP), as sentenças em (5), (13), (14) e (15) receberiam a leitura apropriada, a de futuridade.

#### 4 Considerações finais

Giorgi e Pianesi (1997) não parecem dar conta de explicar como um auxiliar no presente denota futuro (cf. exemplos (1-5)), já que, para eles, o morfema de presente, por ser não marcado, é interpretado como Tempo presente em LF, não sendo, pois, valorado (ausência de T<sub>1</sub>). Além disso, a teoria dos autores parece ser também problemática, pelo menos para os dados do PB, pois o presente do indicativo não aparenta expressar somente o presente. A morfema de Tempo presente pode expressar (i) presente (em verbos de estado, como ‘*O João vive em São Paulo*’); (ii) passado (‘*Maria perde as eleições*’, sendo presente histórico); e (iii) futuro (‘*Eu te ligo, sim*’; ‘*Não se preocupa, eu vou te acordar*’), fato já atestado por linguistas (CAMARA JR., 1970; MIOTO, 1985; BALDÉ, 2013).

Ademais, revisitando Lunguinho (2006), parece ser a interação entre os traços de seleção (i) dos verbos auxiliares; e os traços de seleção (ii) das formas nominais que captam a noção temporal da sentença. Isso pode indicar que o auxiliar de Tempo futuro no presente do indicativo também precisa ser valorado de alguma forma, para que tais sutilezas sejam captadas na derivação sintática e não só o infinitivo, como sugerido por SILVÉRIO (2001)<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Há na literatura alguns trabalhos que sugerem que o infinitivo seja atemporal em sentenças futuras, havendo outras estruturas responsáveis pela ideia de futuro, como o traço modal *woll* no auxiliar *will* (cf. WURMBRAND, 2007). Tal proposta é corroborada pela de Lunguinho (2011), quando é sugerido que o infinitivo não possui traços de Tempo, mas de Modo. Se tais propostas se fazem corretas, não parece adequado afirmar que o infinitivo sozinho consiga captar a noção de futuro numa sentença.

Uma proposta alternativa, por exemplo, seria considerar que o Tempo presente do auxiliar de futuro, juntamente a Camara Jr. (1970), apresenta um morfema que, embora seja um morfema zero, é capaz de nuclear uma projeção T<sub>1</sub>, revisitando G&P (1997), ou outra semanticamente associada, revisitando Cinque (1999), da qual receberia um traço [*irrealis*] por meio do papel-T. Tal traço seria responsável pela seleção de uma única forma nominal para seu complemento: o infinitivo, que é a única forma que porta traços [*irrealis*]. Porém, análises mais profundas devem ser feitas, para se saber quais consequências empíricas tal proposta acarretaria<sup>17</sup>.

## Referências

- ARRAIS, T. C. Tempo e aspecto, tempo e modalidade: de volta ao futuro. São Paulo. *Alfa*, V. 35, p. 11-17, 1991.
- ARAÚJO ADRIANO, P. Â. Análise da expressão do futuro em textos argumentativos do ProFIS. In: *Língua, Literatura e Ensino*, vol. XI, p. 21-34, 2014.
- \_\_\_\_\_. O passado e o presente do futuro: uma análise diacrônica e sincrônica. Monografia (Licenciatura em Letras – língua portuguesa) Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas, São Paulo, 2016.
- \_\_\_\_\_. O passado do futuro: uma análise diacrônica do ir + infinitivo no português europeu. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 132-150, ago./dez. 2017.
- \_\_\_\_\_. *A expressão de futuridade no português brasileiro: um estudo sintático-diacrônico*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Campinas, São Paulo (em andamento).
- BALDÉ, M. *Semântica do Tempo Presente em Pulaar, Francês e Português: estudo comparativo*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Porto, Portugal, 2013.
- CAMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. Derivation by phase. In: Michael Kenstowicz. ed. *Ken Hale: A life in language*. pp. 1-52. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001.
- CINQUE, G. *Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective*. New York: Oxford University Press, 1999.
- GONÇALVES, A. *O analitismo verbal e a expressão do futuro no português brasileiro: um estudo diacrônico*. 2013. 221 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguístico) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2013.
- GIORGI, A. & PIANESI, F. *Tense and Aspect: From Semantics to Morphosyntax*. New York: Oxford University Press, 1997.
- LUNGUINHO, M. V. S. Dependências morfossintáticas: a relação Verbo Auxiliar – Forma Nominal. In: *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 457-489, jun./dez. 2006.

---

<sup>17</sup> Não se entra numa discussão mais detalhada dessa proposta alternativa, pois tal discussão seria ortogonal aos objetivos deste trabalho, que se pauta somente na apresentação de um problema empírico à teoria de Giorgi e Pianesi (1997), no que tange o PB.

\_\_\_\_\_. *Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos*. 225 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

MIOTO, C. *Considerações sobre o presente do indicativo*, 1985.

RECH, N. F. Auxiliaridade verbal: uma análise dos núcleos funcionais ir e ter no Português brasileiro. In: *Cadernos do IL*, Porto Alegre, n. 46, junho de 2013. P. 65-89.

REICHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic*. 1947. Reprinted in 1966 by Free Press.

SILVÉRIO, S. M. *O sistema temporal do português brasileiro*. 233 f. Tese (Doutorado no Curso de Pós-Graduação em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

SOUSA, M. M. F. *O aspecto verbal nas formas perifrásticas do português oral culto de Fortaleza*. 133 f. Dissertação (Mestrado em em Linguística e Ensino da Língua Portuguesa). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1998.

WURMBRAND, S. Infinitive are tenseless. *U Penn Working Papers in Linguistic* 13: 407-420, 2007.

*Squib* recebido em 31 de maio de 2017.  
*Squib* aceito em 13 de fevereiro de 2018.

# ***Copula drop em Karitiana (Tupi): uma instância de *sluicing****

Tarcisio Dias\*

## **Resumo**

Neste trabalho discutiremos acerca da possibilidade de omissão do verbo copular na língua Karitiana (Tupi). Proporemos que o fenômeno *copula drop* seja uma instância de *sluicing*, um tipo de elipse em que a parte sentencial do CP (TP) é apagada quando C é concatenado (cf. MERCHANT, 2001, 2004). Argumentaremos que o único elemento em TP afetado pela operação de apagamento seja a cópula pelo fato de o material à direita do verbo estar em um domínio de fase (cf. CHOMSKY, 2000, 2001; BOŠKOVIĆ, 2014) já transferido para *Spell-out* no passo da derivação em que a elipse se aplica. Mostraremos que tais construções satisfazem as condições de licenciamento de *sluicing* propostas por Merchant (2001, 2004) e que tal elisão não requer a satisfação de condições de identidade para ocorrer. Apontaremos ainda semelhanças e diferenças com relação ao tratamento oferecido por Barros (2010) para as perguntas especificacionais do Português Brasileiro em que a cópula também pode ser apagada.

**Palavras-chave:** sintaxe gerativa, cópula, elipse, *sluicing*, Karitiana

## **Abstract**

In this squib we discuss the possibility of copular verb omission in Karitiana (Tupi). We will propose that the copula drop phenomenon is an instance of sluicing in this language, a type of ellipsis in which the sentential part of CP (TP) is elided when C is merged (cf. MERCHANT, 2001, 2004). We will argue that the only element in TP affected by the deletion operation is the copula, because the material to the right of the verb is in a phase domain (cf. CHOMSKY, 2000, 2001; BOŠKOVIĆ, 2014) already sent to Spell-out at the derivational step in which the ellipsis applies. We will show that such constructions satisfy the licensing conditions proposed by Merchant (2001, 2004) and that they do not require identity conditions to occur. We will also point out similarities and differences with regard to the treatment offered by Barros (2010) for Brazilian Portuguese specificational questions in which the copula can be deleted as well.

**Keywords:** generative syntax, copula, ellipsis, sluicing, Karitiana

---

\* Universidade de São Paulo, USP, *e-mail*: tarcisio.antonio.dias@usp.br.

## 1 Introdução

Nesse trabalho discutiremos acerca da possibilidade de se elidir a cópula nas sentenças copulares da língua indígena brasileira Karitiana (família Tupi, subfamília Arikém), fenômeno aqui referido como *copula drop*.<sup>1</sup> O objetivo é motivar uma análise que suporte a ideia de que a omissão do verbo copular nas construções apresentadas abaixo é uma decorrência de *sluicing* (MERCHANT, 2001). É importante notar que a elisão da cópula não é possível em contextos de tempo futuro, sendo apenas permitida no tempo não marcado da língua, o não-futuro<sup>2,3</sup>.

- (1) byyty (ø-na-aka-t) kinda'o-t  
mamão 3-DCL-COP-NFT fruta-CONC.ABS.  
'O mamão é uma fruta.'
- (2) taso (ø-na-aka-t) i-se'a-t  
homem 3-DCL-COP-NFT PART-bom/bonito-CONC.ABS.  
'O homem é bom/bonito.'
- (3) taso (ø-na-aka-t) i-kat-ø  
homem 3-DCL-COP-NFT PART-dormir-CONC.ABS.  
'O homem está dormindo.'
- (4) taso \*(ø-na-aka-j) i-kat-ø  
homem 3-DCL-COP-FT PART-dormir-CONC.ABS.  
'O homem irá dormir.'

(STORTO, 2010, p. 206)

Segundo Storto (2010), as construções de cópula em Karitiana são estruturas bioracionais em que o verbo copular *aka* seleciona uma *small clause* como complemento. Os complementos de natureza minioracional podem ter como núcleo um predicado nominal (1), um predicado adjetival (2), ou um predicado verbal (3) e (4). Predicados não nominais requerem, obrigatoriamente, a prefixação do nominalizador {i-}, glosado como participípio pela autora. O morfema {-t/-ø}, sufixado ao predicado, refere-se a uma marca de concordância

<sup>1</sup> A possibilidade de apagamento do verbo copular não parece estar restrita a contextos pragmáticos determinados. Acreditamos que somente a aplicação de testes/experimentos que controlem variáveis pragmáticas poderão dar evidências definitivas do papel do contexto, se existente, na permissão de tal elipse.

<sup>2</sup> A língua Karitiana não faz distinção morfológica entre os tempos passado e presente (cf. STORTO, 1999).

<sup>3</sup> Lista de abreviatura das glosas: 3 = concordância de 3ª pessoa; DCL = modo declarativo; COP = cópula; NFT = não-futuro; FT = futuro; PART = participípio; CONC.ABS. = concordância absoluta; ADVZR = adverbializador; IMPF = imperfectivo.

absolutiva (CONC.ABS.), visto que é sempre obrigatório quando um argumento absolutivo é extraído (e.g. sentenças copulares, clivadas e perguntas Qu- de tempo não-futuro). A autora argumenta que o elemento pré-copular encontra-se focalizado, em razão de que tais construções são utilizadas como respostas a perguntas Qu-. O fato de que a atribuição de Caso em Karitiana não parece requerer movimento<sup>4</sup> também favorece uma análise em que o elemento pré-verbal nas construções com cópula ocupa uma posição A-barra e não uma posição-A de Caso (e.g. Spec,TP).<sup>5</sup> Sendo assim, iremos assumir, na esteira da autora, que o elemento pré-copular nas sentenças de 1 a 4 acima ocupa uma posição de Foco, mais especificamente Spec,CP,<sup>6</sup> uma projeção de foco cujo núcleo c-seleciona um TP como complemento. Por fim, vale notar que o verbo copular exibe uma marca invariável de 3ª pessoa.<sup>7</sup> A estrutura proposta para as construções de cópula do Karitiana está esquematizada a seguir.<sup>8</sup>

(5) Taso<sub>i</sub> naakat [NOM [SC t<sub>i</sub> X ]] em que X = N, A ou V intransitivo.

(STORTO, 2010, p. 207)

Na seção a seguir, apresentaremos o quadro teórico que norteará nossa análise.

## 2 Background teórico

O termo *sluicing* refere-se a um tipo de elipse em que o constituinte omitido corresponde a um TP.<sup>9</sup> Neste trabalho, iremos nos basear na proposta de Merchant (2001, 2004) no que se refere às condições sintáticas de licenciamento do *sluicing*, ou seja, as condições estruturais e os traços das categorias envolvidas. Proporemos que o apagamento evidenciado nos dados de (1) a (4) do Karitiana decorre de *sluicing*, assumindo que ele seja

<sup>4</sup> Storto (1999), baseando-se na teoria de Caso de Bittner & Hale (1996a, 1996b) (i.e. *Case Binding Theory*), propõe uma análise de atribuição de Caso para o Karitiana, língua ergativo-absolutiva, em que o Caso ergativo é atribuído *in situ* sob regência de I e o Caso absolutivo é atribuído *in situ* sob regência de C, de modo que a língua não requer movimento dos argumentos para que relações de Caso sejam estabelecidas.

<sup>5</sup> Rocha (2016) reanalisa tal sufixo como um adverbializador tendo em vista o paralelo por ele observado entre as construções de cópula e as construções adverbiais do Karitiana. Segundo o autor, orações adverbiais são obrigatoriamente marcadas por {-t/-ø}. O sufixo em questão também participa da formação de advérbios na língua, como *kandat* ('muito') e *pitat* ('muito'). Seguiremos assumindo a descrição de Storto (2010) para o morfema em questão, visto que não nos está clara a maneira pela qual uma estrutura adverbial de adjunção poderia capturar relações de predicação nas construções de cópula da língua. De qualquer maneira, acreditamos que, seja qual for o seu real estatuto, a análise aqui desenvolvida poderá ser mantida.

<sup>6</sup> De acordo com Storto (1999), Spec,CP em Karitiana é uma posição associada com semântica de foco.

<sup>7</sup> Acreditamos que o fato de o verbo invariavelmente exibir uma marca de 3ª pessoa mesmo quando o elemento pré-verbal é uma 1ª ou uma 2ª pessoa (cf. STORTO, 2010) também pode ser tomado como evidência de que ele se encontra em uma posição A-barra, visto que não dispara concordância.

<sup>8</sup> De acordo com Storto (2010) as *small clauses* em Karitiana são nominalizadas via morfema *i-*, e o verbo copular exibe concordância com o constituinte nominalizado.

<sup>9</sup> Na literatura sobre o fenômeno, *sluicing* também pode ser referido como elipse de IP.

uma instância de elipse sem antecedente e que, por este motivo, não requer condições de identidade para ocorrer.<sup>10</sup>

Segundo Merchant (2001), *sluicing* é a elisão do IP sob as condições apresentadas no esquema em (6) em que a ausência de pronúncia da parte sentencial de um CP interrogativo é permitida. O fenômeno decorre de dois mecanismos, a saber: o movimento de um elemento Qu- do sítio da elisão para Spec,CP, seguido de um apagamento em PF (*Phonological Form*) instruído por um traço E presente no núcleo C. De acordo com o autor, o nóculo I contém um traço E que deve ser checado por um núcleo C com traços [+wh, +Q]. Sendo assim, E move-se de I para C a fim de ser checado. Em C, E instrui PF de que o seu complemento não precisará ser fonologicamente realizado.

(6) [CP XP<sub>[+wh]</sub> [C' C<sub>[E][+Q]</sub> IP]]

(MERCHANT, 2001, p. 60)

A proposta de Merchant (2001) tem como alvo dados em que elementos Qu- são os itens remanescentes do *sluicing*, como em (7). Sendo assim, o tratamento que o autor dá a este fenômeno parte não só da ideia de que há estrutura no sítio da elipse, mas também de que tal estrutura está ativa na Sintaxe, visto que o movimento Qu- tem no IP elidido a sua posição de origem. É uma operação em PF, instruída pelo traço E, conforme esclarecemos acima, a responsável pela ausência da contraparte sonora da estrutura.

- (7) a. Jack bought something, but I don't know what.  
 'Jack comprou algo, mas eu não sei o quê (Jack comprou).'
- b. Someone called, but I can't tell you who.  
 'Alguém ligou, mas eu não posso te dizer quem (ligou).'
- c. Beth was there, but you'll never guess who else.  
 'Beth estava lá, mas você nunca adivinhará quem mais (estava lá).'

(MERCHANT, 2001, p. 3)

No entanto, os elementos Qu- não são os únicos termos possíveis remanescentes de *sluicing*. Fragmentos de respostas, conforme apontado por Merchant (2004), também podem “sobreviver” à elipse de TP (cf. exemplos de (8) a (10)). Segundo o autor, os DPs nos exemplos em (b) abaixo não seriam instâncias de mera projeção de um elemento nominal ([<sub>DP</sub> John]), mas sim a instância de um elemento originado em uma sentença ([<sub>FP</sub> [IP she saw [<sub>DP</sub> John]]]), e movido para a sua periferia esquerda, a qual o autor nomeia FP, uma projeção de foco. Uma vez movido, o traço E em F seria capaz de ativar o apagamento do material

<sup>10</sup> De modo geral, as condições de identidade referem-se à necessidade de que o constituinte elidido seja semanticamente recuperado com base em um constituinte antecedente no discurso.

remanescente em IP (*she saw*). Desta forma, não apenas os traços [+wh, +Q] seriam capazes de checar E, visto que traços de foco também o seriam.

- (8) a. Who did she see? ('Quem ela viu?')  
 b. John.  
 c. She saw John. ('Ela viu John.')
- (9) a. What's that? ('O que é aquilo?')  
 b. A dish. ('Um prato.')
- (10) a. What's left for me to eat? ('O que sobrou para mim comer?')  
 b. Some turkey. ('Alguns (pedaços de) peru.')

(MERCHANT, 2004, p. 273)

Se o apagamento da cópula aqui investigada é, de fato, uma instância do fenômeno estudado por Merchant (2001, 2004), nada além do verbo copular poderá ser afetado pela aplicação da elipse. Na próxima seção, evidenciaremos que o constituinte situado à esquerda da cópula não está presente em TP e que o elemento à direita da cópula não faz parte do sítio de elisão, o que argumentaremos ser uma decorrência natural de uma abordagem derivacional por fases.

Conforme Chomsky (2001), em uma fase  $\alpha$  de núcleo H, o domínio de complemento de H (YP) torna-se sintaticamente inerte quando tal fase estiver presente no domínio de complemento de uma fase  $\beta$  de núcleo Z. Quando Z for concatenado o complemento de H será transferido para *Spell-out*, tornando-se inacessível para operações em  $\beta$ .

- (11) [ $\beta$ Z ... [ $\alpha$  [ H YP ]]]

(CHOMSKY, 2001, p. 13)

Bošković (2014) argumenta que elipses são restringidas por fases. Para ele, apenas fases (completas) e complementos de núcleos de fase podem ser elididos. Nesse sentido, a elipse seria uma instância não pronunciada em PF, ou seja, uma contraparte da operação de *Spell-out*.

### 3 Copula drop no Português Brasileiro e *sluicing*

A análise aqui desenvolvida tem como base o trabalho de Barros (2010) para a elipse da cópula no Português Brasileiro (PB) em sentenças de perguntas Qu- especificacionais, como (12). O autor propõe que a omissão da cópula neste contexto decorre de *sluicing*, uma vez que a estrutura na qual o verbo copular se encontra equipara-se àquela em (6). Como é possível notar, a posição que o DP interrogativo ocupa em (12) decorre de movimento Qu-. Barros (2010) argumenta que o DP pós-verbal, por sua vez, é o sujeito sentencial deslocado à direita (*rightward movement*).

(12) [CP [DP Qual<sub>1</sub>] [C [TP t<sub>1</sub> (é) t<sub>2</sub>]] [DP o seu tipo de sorvete favorito]<sub>2</sub>?

(BARROS, 2010, p. 65)

Uma sentença especificacional declarativa é uma construção de cópula em que o verbo copular é flanqueado por dois DPs, sendo o primeiro deles um DP predicativo e o segundo um DP referencial, como em *The teacher of this class is Bill* (O professor desta classe é o Bill).<sup>11</sup> Barros (2010) argumenta que em perguntas especificacionais como (12) o sujeito é o DP<sub>2</sub> deslocado. O autor mostra que DPs predicativos com semântica de tópico em construções de cópula flanqueada são os sujeitos da sentença. Caso o DP predicativo não esteja saliente no discurso, o DP referencial será preferencialmente o sujeito, derivando-se, assim, uma sentença predicacional (ver nota 13). Para evidenciar a relação entre semântica de tópico e posição de sujeito, o autor traz o exemplo em (13).

(13) A: Who is the teacher of this class? ('Quem é o professor desta classe?')

B: The teacher of this class is Bill. ('O professor desta classe é o Bill.')

#Bill is the teacher of this class. ('O Bill é o professor desta classe.')

(BARROS, 2010, p. 67)

Sendo o sujeito da sentença especificacional, o DP predicativo (DP<sub>2</sub> em (12)) pode ter o seu posicionamento pós-verbal em interrogativas explicado em termos de um deslocamento à direita, uma adjunção acima de TP, tendo-se em vista que esta não é a posição canônica para o sujeito no PB, uma língua SVO.

No que concerne à análise de *copula drop* em Karitiana a ser aqui proposta não postularemos, no entanto, um deslocamento à direita (adjunção a CP) do predicado da cópula.

<sup>11</sup> Na situação inversa, em que o primeiro DP é referencial e o segundo DP é predicativo, temos outro tipo de sentença, denominada *sentença predicacional*, como em *Bill is the teacher of this class* ('O Bill é o professor desta classe').

Iremos argumentar em favor de uma restrição de fases para explicar por que o predicado da sentença copular pode ser um item remanescente da elipse de TP.

## 4 *Copula drop* em Karitiana

### 4.1 Condições de licenciamento

Com base na intuição dos falantes nativos com os quais trabalhamos, concluímos que as sentenças sem cópula e as suas versões com cópula não apresentam diferenças de interpretação significativas, ao menos não de uma maneira óbvia. Com isto em mente, assumiremos que a única diferença existente entre as construções de cópula com o verbo fonologicamente realizado e as construções de cópula com o verbo não realizado decorre da presença do traço E em C no curso da derivação.

Conforme vimos na Introdução, o elemento pré-verbal nas construções com cópula do Karitiana está em Spec,CP, fora, portanto, do sítio da elisão (TP). Vimos, ainda, que traços de foco, e não somente traços Qu- ([+wh,+Q]), são capazes de licenciar a elipse de TP, tendo em vista os dados de fragmentos de respostas analisados por Merchant (2004) como instâncias de *sluicing*. Discorreremos agora sobre o elemento pós-verbal em tais construções. Ao contrário de Barros (2010), não temos nenhuma evidência de que tal elemento se encontra adjungido a uma posição alta em Karitiana, de modo que ele esteja fora do sítio de *sluicing*. Iremos, portanto, argumentar que o elemento pós-verbal corresponde a um domínio de fase e que já teria sofrido *Spell-out* no ponto da derivação em que a elipse se aplica.

Diferentemente de Chomsky (2001), em que uma fase corresponde invariavelmente a um CP ou a um  $\nu$ P, Bošković (2014) propõe uma abordagem contextual para as fases, de modo que o domínio de uma fase corresponda à projeção estendida de uma categoria lexical, como N, V, P e A.<sup>12</sup> Nas construções em questão, temos que o núcleo C possui no seu domínio de C-comando uma fase correspondente à projeção lexical do predicado, seja ele nominal (1), adjetival (2) ou verbal (3). Deste modo, o domínio da fase predicacional em questão sofrerá *Spell-out* assim que o núcleo C for concatenado, tornando-se indisponível para operações sintáticas.<sup>13</sup>

A ideia aqui sugerida para as construções de cópula do Karitiana é a seguinte: o elemento pós-copular, por estar em um domínio de fase mais baixo (i.e. fase correspondente à projeção lexical do predicado), já teria sido transferido para *Spell-Out* e pronunciado no momento em que C é concatenado, tornando-se indisponível para a aplicação de *sluicing*, o que tem como efeito o fenômeno de *copula drop*.

<sup>12</sup> Pela proposta do autor, tal núcleo poderia ser V ou  $\nu$ , a depender do que é projetado pela categoria lexical verbal (V), podendo até ser um núcleo aspectual, por exemplo. Diferentemente de Chomsky (2000, 2001), para Bošković (2014) não somente o  $\nu$  transitivo é um núcleo de fase.

<sup>13</sup> Embora não seja uma categoria lexical, o autor assume, junto a Chomsky (2001), que o CP é uma fase.

(14) [CP byyty C<sub>[E]</sub> [TP naakat [<sub>vP</sub> v<sub>naakat</sub> ... [NP kinda'ot ]]]]<sup>14</sup>

(15) [CP taso C<sub>[E]</sub> [TP naakat [<sub>vP</sub> v<sub>naakat</sub> ... [AP ise'at ]]]]<sup>15</sup>

(16) [CP taso C<sub>[E]</sub> [TP naakat [<sub>vP</sub> v<sub>naakat</sub> ... [VP ikat ]]]]<sup>16</sup>

O elemento pré-copular nas estruturas de (14) a (16) ocupa uma posição de foco (cf. STORTO, 2010) estando fora, portanto, do sítio de elisão de TP. Implementando Bošković (2014), em que a projeção estendida de um verbo é um núcleo de fase (ver nota 14), propomos que a cópula é núcleo de uma fase verbal.<sup>17</sup> Sendo assim, o seu complemento (i.e. *small clause*) será enviado para *Spell-out* quando C for concatenado e o traço E nele presente não será capaz de elidir tal constituinte, de modo que o único elemento afetado por *sluicing* será a cópula em TP.<sup>18</sup>

## 4.2 Condições de identidade

A elipse de cópula em Karitiana, tal como vista neste *squib*, é uma instância do chamado *sluicing* sem antecedente (*antecedentless sluicing*) (cf. BARROS, 2010) em que a identificação (recuperabilidade semântica) do material omitido não se daria pela presença de um antecedente tal como é necessário para a identificação do *sluicing* em casos como o de (7), para os quais Merchant (2001) propõe a condição semântica de *e-GIVENness*,<sup>19</sup> em que apenas TPs que atendam a tal condição poderiam ser elididos. De acordo com Barros (2010), o *sluicing* sem antecedente é possível quando o material elidido é discursivamente recuperável. No caso das perguntas especificacionais do PB, ele propõe que os itens remanescentes (DP<sub>1</sub> e DP<sub>2</sub>) têm de estar D-ligados (*D-linked*), ou seja, ligados a um contexto que os identifique como pertencentes a um conjunto saliente no discurso. Em uma pergunta como *Qual (é) o seu cachorro*, por exemplo, deve haver um conjunto de cachorros salientes ao discurso a partir do qual o DP possa estabelecer a sua referência.

<sup>14</sup> Estrutura correspondente à sentença (1).

<sup>15</sup> Estrutura correspondente à sentença (2).

<sup>16</sup> Estrutura correspondente à sentença (3).

<sup>17</sup> Segundo Rocha (2016), a cópula em Karitiana é um verbo intransitivo com propriedades inacusativas, selecionando, por exemplo, um único argumento interno. Para Bošković (2014), não somente verbos transitivos determinam uma fase, construções passivas e inacusativas também.

<sup>18</sup> De acordo com Storto (1999), o verbo em Karitiana move-se até o último núcleo funcional disponível na sentença, no caso, C.

<sup>19</sup> Em termos muito gerais, tal condição identifica o material elidido com um antecedente linguístico que implique um acarretamento da questão sob *sluicing*. É relevante mencionar que em Merchant (2001) o *sluicing* é um fenômeno próprio de CPs interrogativos, o que será reconsiderado em seu trabalho de 2004.

No caso do Karitiana, seria bastante difícil propor que a cópula seja discursivamente recuperável, visto que o seu apagamento não parece ser instanciado em um contexto discursivo específico já que, como vimos, sentenças com e sem cópula são sinônimas. Iremos, assim, propor que não há, simplesmente, a necessidade de o material elidido ser semanticamente recuperado: tratando-se de uma cópula, não há propriedades semânticas codificadas no elemento silenciado. Ou seja, satisfazer condições de identidade neste contexto seria vácuo.

Assumindo junto a Rothstein (1995) que verbos copulares sejam um mero suporte de marcas flexionais, o seu apagamento não demandaria mecanismos de recuperabilidade semântica em LF, bastando que ele atenda, portanto, a condições de licenciamento. O fato de que o verbo copular só pode ser omitido no tempo não-marcado da língua (i.e. não-futuro) parece reforçar a ideia de que a aplicação de condições de identidade no que se refere ao apagamento da cópula seria improfícua. A elipse da cópula em contextos de tempo marcado (e.g. futuro) demandaria, por sua vez, condições de identidade que não podem ser satisfeitas na ausência de um antecedente linguístico, visto não se tratar de uma interpretação *default*.<sup>20</sup>

Assim, diferentemente de Barros (2010), que busca vincular o apagamento da cópula nas sentenças Qu- especificacionais do PB a um contexto discursivo, propomos que a questão da identidade da elipse sequer se aplica no que se refere à omissão da cópula. Assumindo tratar-se de um verbo presente na sentença apenas para marcar propriedades gramaticais, o seu apagamento não requer a satisfação de condições de identidade simplesmente porque não há um conteúdo semântico a ser recuperado, o que justificaria a ocorrência de tal elipse na ausência de antecedentes. Elipses sem antecedente, portanto, seriam licenciadas somente quando o material apagado não contribuir para a interpretação semântica da sentença, como é o caso da cópula, já que a relação predicativa (o que de fato é relevante para LF) já foi “resolvida” no interior da *small clause*.

## 5 O fenômeno V-2 em Karitiana

De acordo com Storto (1999), o Karitiana pode ser caracterizado como uma língua V-2. O fenômeno V-2 é tipicamente associado a línguas germânicas, nas quais é possível notar que o verbo finito sempre ocupa a segunda posição estrutural da sentença. Uma outra característica de línguas V-2 é a presença obrigatória de um constituinte na posição inicial, ou seja, no especificador da projeção para a qual o verbo se move. Sendo assim, ela argumenta que o verbo em Karitiana move-se para C em orações matriz. Temos, agora, um aparente

<sup>20</sup> Mesmo nos dados do PB, presentes em Barros (2010), é possível notar que a elipse de cópula é possível no tempo não marcado (o presente), tendo em vista a dificuldade de se recuperar uma cópula com traços de passado ou de futuro em contextos *out-of-the-blue*. Uma sentença como *Qual o seu tipo de sorvete favorito?* dificilmente seria interpretada como sinônima de *Qual foi/era/será o seu tipo de sorvete favorito?*, mas sim como sinônima de *Qual é o seu tipo de sorvete de favorito?*.

problema associado à análise aqui desenvolvida. Se a elipse de cópula em Karitiana é uma instância de *sluicing*, por qual motivo a cópula, que estaria em C conforme o exposto acima, poderia ser elidida em TP?

Merchant (2001), ao tratar das condições de licenciamento da elipse de IP, lida com dados de línguas que apresentam o fenômeno V-2, em que o verbo auxiliar, mesmo aparecendo em C na versão não elidida da estrutura (cf. dado em (17)), não é um item remanescente do *sluicing*, como é possível perceber em (18).<sup>21</sup>

(17) [CP who<sub>2</sub> [C' C has [IP Max t<sub>has</sub> [invited t<sub>2</sub>]]]]?

(MERCHANT, 2001, p. 63)

(18) A: Max has invited someone.

‘Max convidou alguém.’

B: Really? Who (\*has)?

‘Sério? Quem (\*foi)?’

(MERCHANT, 2001, p. 63)

O autor propõe haver uma ordem de aplicação entre as operações de movimento de núcleo e de apagamento em casos de *sluicing*. O apagamento do material em IP precederia o movimento de núcleo evidenciado em (17). Uma consequência desta proposta é a assunção de que o movimento de núcleo para C típico das línguas V-2 ocorreria em PF. Tal movimento é comumente entendido na literatura como decorrência da necessidade de um traço forte em C ser checado por um traço correspondente em I. Quando um traço forte é checado, PF requer um movimento aberto em que todos os traços presentes em I sejam movidos para C.<sup>22</sup>

Em casos de *sluicing*, Merchant (2001) sugere que nem todos os traços presentes em I seriam movidos para C em línguas V-2. Sendo assim, o movimento dos traços ocorreria na Sintaxe coberta, o que justificaria a ausência da contraparte sonora de C. Outra possibilidade, tal como apontada pelo autor, seria dizer que é um traço forte em I (e não em C) que desencadeia movimento aberto de I para C, um nóculo capaz de checá-lo. Em casos de *sluicing*, porém, tal traço é apagado antes de ser movido, não chegando em PF, evitando, assim, a derivação de uma sentença mal formada. Entretanto, conforme aponta Merchant (2001), é necessário investigar melhor qual a motivação para a ordenação proposta para as operações de apagamento e de movimento de núcleo em casos de elipse. Acreditamos que elucidar tal motivação é importante para que possamos entender melhor a sintaxe do traço E, visto que, pela proposta do autor, o movimento de tal traço de I para C teria de ocorrer antes da checagem de traços fortes.

---

<sup>21</sup> O autor ainda traz as versões alemã, holandesa e dinamarquesa deste dado (cf. MERCHANT, 2001, p. 63).

<sup>22</sup> Cf. Merchant (2001, p. 73).

## 6 Considerações finais

Supomos que a abordagem da omissão de cópula em Karitiana sob a perspectiva das Teorias de Elipse (MERCHANT, 2001; BOŠKOVIĆ, 2014) é bastante produtiva por não ter de postular que tal fenômeno seja decorrência de propriedades particulares da língua, mas sim de condições gerais de licenciamento de elipse tal como atestado em diversas línguas do mundo. Se a análise aqui sugerida estiver correta, temos evidências em favor da proposta de *sluicing* de Merchant (2001, 2004), bem como evidências em favor da proposta de Fases de Bošković (2014). Ou seja, propusemos que a elipse de cópula em Karitiana não precisa atender a condições de identidade para ser licenciada, visto que o material elidido não contribui semanticamente para a interpretação da sentença.

## Referências

- BARROS, M. *Sluicing and the Brazilian Portuguese Null Copula*. In: *Rutgers Working papers in Linguistics*, ed. Peter Starovevov, Daniel Altshuler, Aaron Braver, Carlos Fasola, and Sarah Murray. Volume 3, pp. 64-91, Linguistics Graduate Student Association: New Jersey, 2010.
- BITTNER, M., & HALE, K. The structural determination of case and agreement. In: *Linguistic inquiry*, pp. 1-68, 1996a.
- BITTNER, M., & HALE, K. Ergativity: Toward a theory of a heterogeneous class. *Linguistic Inquiry* 27, pp. 531-604, 1996b.
- BOŠKOVIĆ, Z. Now I'm a phase, now I'm not a phase: On the variability of phases with extraction and ellipsis. *Linguistic Inquiry* 45, pp. 27-89, 2014.
- CHOMSKY, N. *Minimalist inquiries: The framework* (MITOPL 15). In *Step by step: Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*, pp. 89-155, 2000.
- CHOMSKY, N. *Derivation by phase*. In *Ken Hale: A life in language*, ed. by Michael Kenstowicz, 1-52. Cambridge, Mass: MIT Press, 2001.
- MERCHANT, J. *The Syntax of Silence: Sluicing, Islands and The Theory of Ellipsis*. Oxford University Press: Oxford, 2001.
- MERCHANT, J. Fragments and Ellipsis. *Linguistics and Philosophy* 27, 6: 661-738, 2004.
- ROCHA, I. *Não-finitude em Karitiana: subordinação versus nominalização*. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2016.
- ROTHSTEIN, Susan. *Small clauses and copular constructions*. Small clauses, pp. 27-48, 1995.
- STORTO, L. *Aspects of a Karitiana Grammar*. Ph.D. Dissertation. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1999.
- STORTO, L. Copular constructions in Karitiana: a case against Case Movement. In: *University of Massachusetts Occasional Papers* 41. Amherst: GLSA/The University of Massachusetts, pp. 205-226, 2010.

*Squib* recebido em 31 de maio de 2017.

*Squib* aceito em 19 de maio de 2018.